

# 13º Salário: Bancários já Venceram, Telegráficos Idem, Rodoviários Estão a Caminho!

Como representante dos bancários, Aloisio Palko (foto ao lado) assinou o acordo, proposto pelo presidente do Tribunal Regional do Trabalho, pedindo fim à greve que desde o dia 10 vinha desesperando os banqueiros gaúbarinos. Foi total e absoluta a vitória do movimento dos bancários, que deste vez recorreram à «greve de guerrilhas», às «grevilhas»

como chamam alguns, e que consiste na paralisação de 4 ou 5 bancos por dia, sem avisar os que serão atingidos. Os telegráficos também foram vitoriosos, com uma greve de apenas oito horas. Os rodoviários continuam lutando, parando as empresas que ainda não pagaram o 13º salário, 8 a 10 por dia, conforme vai contado na 8ª página.



# NOVOS RUMOS

ANO IV — Rio de Janeiro, semana de 18 a 24 de Janeiro de 1963 — Nº 205



# Cinema Novo-62

B. Albuquerque, em artigo que está na 5ª página, diz o que foi o ano cinematográfico para o Brasil. Destaca os triunfos alcançados pelo nosso cinema em certames internacionais, o aparecimento de filmes nossos de qualidade em nossas telas e aponta o surgimento do Cinema Novo, do qual Luisa Maranhão (foto) é expressão artística, como passo importante da afirmação nacional da sétima arte.

# Povo Não Admite Cambalacho Com os Entreguistas Manobra Das Cúpulas é Pressão Para Formar Governo Contra o Povo

Texto na 3ª página

## MENSAGEM DE KENNEDY: PALAVRAS DE ENGODO E CONFISSÃO DE FALENCIA

Texto na 7ª página

## Homenagem aos escritores soviéticos

Em homenagem aos escritores soviéticos Mikhail Stelmar, Helena Colchima e Marita Aliger, que se encontram em visita ao Brasil, terá lugar hoje, quinta-feira, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (9º andar), com início às 19 horas, um ato artístico de músicas e danças folclóricas. Para a festividade, promovida pelo Instituto Cultural Brasil-URSS, está convidado todo o povo.

## Deputado Latifundiário Comanda Fuzilamento de 5 Camponeses: PE

Texto na 2ª página

## Kruschiov em Berlim: Capitalismo Caminha Para a Sepultura

Texto na 7ª página

## Congresso Dos Camponeses Gaúchos Aponta o Caminho Para a Reforma Agrária

Texto na 6ª página

# Osvino Homenageado Pelos Trabalhadores



Na tarde de terça-feira, 15 do mês corrente, os trabalhadores e parlamentares nacionalistas homenagearam o general Osvino Alves, comandante do 1º Exército. Em nome dos dirigentes sindicais e dos parlamentares, usou da palavra o Presidente da CNTI, Clodomir Riani, que expressou a satisfação dos trabalhadores e do povo, pela atuação do general Osvino Alves e do todo 1º Exército, em defesa da democracia e das liberdades públicas. Ressaltou a unidade que tem existido e se cimentado entre os dois exércitos: do trabalho e dos quartéis, para que o Brasil caminhe pela senda segura da independência econômica e política e pela via do progresso.

Em resposta o general Osvino Alves, em rápidas palavras agradeceu a homenagem, declarando que desde o primeiro contacto que havia tido com os trabalhadores e com o povo, afirmara sempre o dever de defender a democracia e a legalidade. Essa unidade das forças democráticas se confirmou no decorrer do desenvolvimento de várias crises políticas, para chegar à consagração das urnas no dia 6 de janeiro, com a votação esmagadora do NAO. O povo afirmou sua vontade soberana, uma demonstração insofismável de que quer um governo que realize as reformas prementes que a nação reclama.

## Marxismo e Cristianismo

O autor deste artigo (p. 5) é um dos mais destacados líderes católicos franceses da atualidade: Claude Tresmontand. Discute ele um problema de enorme atualidade na Europa ocidental, na América, nos países católicos em particular: podem os católicos, os cristãos em geral, se aproximar dos comunistas e ao seu lado lutarem pela solução das questões sociais contemporâneas? O autor vai mais longe ainda, pois acredita que a unidade de ação entre comunistas e católicos é não só possível como necessária. Mais ainda, opina que os católicos têm algo a aprender com os marxistas. O artigo é oportuno para o esclarecimento de posições em nosso País, onde o assunto é debatido como parte de uma realidade que se impõe.

## OPERÁRIOS NAVAIS: 25 MIL APOÍAM 3 E SOMENTE JUNTOS VOLTARÃO AO TRABALHO

Texto na 2ª página

## CGT Exige Reformas de Base e Expulsão Dos Entreguistas

Texto na 2ª página

## SÃO PAULO ORGANIZA RESISTÊNCIA CONTRA ESBULHO DO VOTO POPULAR

Texto na 3ª página



# Manobras Das Cúpulas Visam um Governo de Cambalacho

Derrotados esmagadoramente pelo voto popular, no plebiscito de 6 de janeiro, os grupos políticos mais retrógrados estão querendo impor aos brasileiros — ao povo brasileiro — os seus desejos e os seus mesquinhos interesses. Os resultados das urnas não permitiram a mais leve sombra de dúvida: o Ato Adicional, a política que o inspirou e as forças que o mantiveram por mais de um ano, foram categoricamente e arrasadoramente rejeitadas pelo povo. O Ato Adicional, como jamais se viu em qualquer consulta eleitoral em nosso País, foi um NAQ muito claro; a política de entrega e de recuo, as negociações e os compromissos contra os interesses populares, a concessão das reformas de base tantas vezes prometidas mas não sequer iniciadas, aos "gorilas" civis e militares tipo Lacerda, Herbert Levy, Cordeiro de Farias, Amaral Félixto e Ademir de Barros. As cúpulas dirigentes da UDN, PSD e PRP foram inapelavelmente rejeitadas. A tendência do eleitorado se manifestou claramente a favor das correntes nacionalistas e democráticas e da política antimonopolista e antilatifundiária, independente e progressista, por elas preconizada.

Entretanto, como se nada disso tivesse acontecido — e aconteceu há apenas duas semanas — ou, mais, como se o prêmio da vitória coubesse não aos vencedores mas aos derrotados, as cúpulas carcomidas, sem nenhum apoio do povo, arremetem-se contra a vontade do eleitorado, a soberana decisão do povo.

Lançam mão de um tortuoso pretexto: o texto da lei que determinou a data para a realização do plebiscito: segundo a qual o Parlamento teria um prazo de 30 dias para "adaptar" o sistema de governo. Não há, porém, nenhuma disposição legal que imponha a realização de um plebiscito em qualquer data. O texto da lei que determinou a data para a realização do plebiscito: segundo a qual o Parlamento teria um prazo de 30 dias para "adaptar" o sistema de governo. Não há, porém, nenhuma disposição legal que imponha a realização de um plebiscito em qualquer data.

rior ao povo, às suas decisões. Como disse o ministro João Mangabeira, "o povo é rei". Seria, portanto, um monstro de desrespeito à vontade popular admitir-se que, sob qualquer pretexto, se prolongasse ainda por um dia sequer após o plebiscito, o resultado do plebiscito, o cambalacho arranjado em setembro de 1961. O que o Parlamento tem a fazer, já agora, é simplesmente reconhecer que as cúpulas reacionárias foram rejeitadas e que o Ato Adicional não existe mais. Não há para o povo brasileiro a mais remota possibilidade de formar-se um novo Governo parlamentarista.

No entanto, este não é ainda o eixo da questão — e para isto precisam estar advertidas as forças democráticas. Levy e Amaral Félixto não têm muito bem que seria totalmente inadmissível o ar João Goulart submeter à Câmara os nomes dos futuros ministros. Ninguém tem dúvidas quanto a isso. O que se as repôs da razão está fazendo: é um indesejado jogo político, que visa muito menos manter o Ato Adicional — pois sabemos que isso é impossível —, do que exercer pressão no sentido de que o Governo a ser formado seja fruto de uma nova "composição", de um cambalacho em que entrem, como se não tivessem sido rejeitados pelo povo, os Tancredo Neves e os Carvalho Pinto.

Está claro que a água que o NAQ encerra um conteúdo político muito mais importante do que a pura revogação do Ato Adicional. Revogação foi igualmente a política de seus autores e conciliadores. O NAQ significa uma exigência da maioria da sociedade brasileira: a de ser posta em prática, de fato e urgentemente, uma política voltada para os interesses nacionais, para a solução dos problemas do povo. Uma política, portanto, que não pode estar apoiada em homens comprometidos com os grupos econômicos e as forças sociais cujos interesses se opõem frontalmente aos da Nação e do povo. Pode o sr. Tancredo Neves, cujas ligações com a Hanna são perfeitamente conhecidas, advogar ou executar medidas sérias em defesa de nossas riquezas mi-

nerais, contra a própria Hanna? Pode um Benedito Valadares ou um Amaral Félixto ser consultado para a formação de um Governo no qual ao povo delegou o compromisso de promover, sem mais delongas, as reformas de base e a supressão dos privilégios de que gozam os trustes imperialistas e a minoria parasitária a seu serviço?

A consulta eleitoral do dia 6 tornou absolutamente indiscutível uma verdade que, antes, os políticos retrógrados, os Herbert Levy e Amaral Félixto, não queriam admitir: as forças democráticas, os grupos isolados, não têm suporte popular, não representam a vontade e a consciência do País. Ao contrário: são sombras do passado, são fantasmas que perambulam pelos corredores de palácios, procurando dar impressão de vida, mas que não podem mais meter medo porque foram escurtiados implacavelmente pelo povo. Suas vozes são de além-túmulo, sua política é um engodo contra o Brasil.

Para o nosso povo, portanto, o caminho a ser seguido pelo sr. João Goulart não pode senão ser o amplo e certo caminho indicado pelas urnas de 6 de janeiro. E esse caminho significa: primeiro, o rompimento de que "todo Poder emana do povo" e de que o povo revogou o Ato Adicional, fazer cumprir a Constituição e considerar nulo, em consequência, o monstro de setembro de 1961; segundo, constituir o Governo dentro das grandes linhas do pronunciamento popular de 6 de janeiro, isto é, escolher particularmente para postos-chave como os ministérios da Fazenda, Exterior, Minas e Energia e as pastas militares homens realmente identificados com os anseios de independência e renovação democrática do povo e dispostos a cumprir em realidade as insistentes promessas das reformas de base.

O voto do povo foi nítido e vigoroso demais para que possa ser esbarrado impunemente. Foi um voto contra o entreguismo e a reação, contra os conservadores e os negociatas políticos. Foi um voto pelo nacionalismo e a democracia. Na composição e na conduta do próximo Governo, presidido pelo sr. João Goulart, esta é que deve ser a única inspiração, o único roteiro.

## CAPITULAÇÃO VERGONHOSA: 1,3 BILHÃO DE CRUZEIROS PARA O TRUSTE IANQUE PELA ENCAMPAÇÃO DOS TELEFONES GAÚCHOS

A decisão do governo federal de conceder a Standard Electric um empréstimo de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros, através do Banco do Brasil, constitui uma capitulação miserável diante do imperialismo norte-americano, representado pelo poderoso truste International Telegraph & Telephone Co. O empréstimo, que em moeda norte-americana equivale a cerca de 3 milhões de dólares, em câmbio de Cr\$ 475 por dólar, foi ordenado pelo sr. João Goulart como "compensação" pela encampação da companhia telefônica do Rio Grande do Sul, subsidiária daquele truste.

pelos "gangsters" de Chicago.

### TRANSAÇÃO ILEGAL

Outra característica de que se reveste o empréstimo do Banco do Brasil à Standard Electric — subsidiária da I.T.&T. no Brasil — é a flagrante ilegalidade, dado o vínculo existente entre o mesmo e a encampação da telefônica no Rio Grande. Efectivamente, a encampação da empresa lanque no Sul obedeceu rigorosamente a todos os trâmites legais brasileiros, desde o tombamento fiscal e contábil, ao depósito prévio na Justiça do valor da indenização e à liberação de posse. Nenhuma formalidade legal foi posta de lado. Dessa maneira, oferecer compensações a uma empresa imperialista por essa mesma encampação constitui ato de desrespeito ao ato soberano de poderes públicos de um País que se afirma soberano. Foi na realidade, o ato de encampação só não foi reconhecido pela própria I.T.&T. e pelo governo norte-americano, a seu serviço.

Estados Unidos e do Brasil agiram, no caso, como metrópole e colônia. De fato como recordava o jurista Barbosa Lima Sobrinho, em artigo escrito no "Jornal do Brasil" a 23 de dezembro último, "nos Estados Unidos, as comunicações sempre foram cuidadosamente fiscalizadas, através de numerosas comissões, comissões de poderes amplos e eficazes. Basta ler The Public Utility Holding Company Act, de 1935, para perceber a importância dessas diferenças." E mais adiante: "Exigir o pagamento total do aquecimento do capital, dos processos de superaquecimento, dos lucros ilegais, seria uma imposição que os nativos a serviço dessas empresas, não deixariam de defender, mas que os brasileiros considerariam sempre como uma imposição e ato de violência contra o interesse nacional. Pagar o devido é ato de honestidade e não pagar o devido é estupro ou covardia, e não outros, brasileiros, não gostaríamos de ver o nosso País obrigado a optar entre as penas desse dilema."

### CHANTAGEM

Essa verdadeira negociação, às custas do povo brasileiro, porque feita com dinheiro público e que foi implicitamente defendida pelo sr. Hermes Lima (ao falar de uma solução "boa não só para os Estados Unidos, como também para o Brasil"), não passa de uma chantagem praticada pelo governo de Washington contra o Brasil. Apavorado com o crescente movimento de libertação nacional na América Latina, o Congresso norte-americano incluiu na chamada lei de "ajuda" ao exterior uma cláusula excludente de tal "benefício" a países que encampem empresas norte-americanas. E porque o prazo para "solução de casos pendentes" foi fixado para expirar a 31 de dezembro, a negociação foi precipitada. Tal como nos prazos de resgate marcados

### PROCEDIMENTO COLONIZADOR

As imposições de Washington a que o nosso governo agora se submete de modo humilhante e inaceitável para todos os patriotas e nacionalistas constituem, além do mais, procedimento tipicamente colonizador. Os governos dos

A capitulação do governo diante da International Telegraph & Telephone Co. é, ainda, um precedente perigoso, que poderia ser invocado a qualquer momento pela Ford ou por qualquer outra empresa estrangeira de exploração de recursos de que já nos livramos no passado. Por todos esses motivos, o arrego entre o governo do sr. João Goulart e a I.T.&T. merece a decidida condenação de todos os patriotas.

# Novas Ameaças Ianques a Cuba: Aumento de Combustíveis: Pressão Visa a Reabrir Crise Caminho Mais Fácil, Mas Injusto

Nova procela se levanta em torno de Cuba? Agitação novamente se onduz de Mar do Caribe?

O ministro do Exterior dos Estados Unidos, Dean Rusk, acaba de afirmar que os Estados Unidos não se comprometem a não invadir Cuba, embora a União Soviética tenha prometido não fazer isso. Rusk afirmou que os Estados Unidos não se comprometem a não invadir Cuba, embora a União Soviética tenha prometido não fazer isso. Rusk afirmou que os Estados Unidos não se comprometem a não invadir Cuba, embora a União Soviética tenha prometido não fazer isso.

### KENNEDY ESTIMULA A AGRESSÃO

Todos estes mais recentes fatos relacionados com a chamada "questão cubana" têm sua origem na atitude provocadora assumida pelo presidente Kennedy quando da recente visita aos Estados Unidos de um grupo de empresários cubanos que se reuniram a convite de sua esposa em Washington, com sua responsabilidade de chefe do governo dos Estados Unidos, e recebeu oficialmente, recebeu de suas mãos o que teria sido a bandeira dos invasores. (Depois, Fidel Castro expulsou os invasores e os Estados Unidos não se comprometem a não invadir Cuba, embora a União Soviética tenha prometido não fazer isso.)

### TEMDE A AGRAVAR A SITUAÇÃO

Estes fatos não deixam lugar a dúvidas: tende a agravar-se novamente a situação internacional com as provocações dos imperialistas americanos e seus laços com Cuba. Cuba, demonstrando no seu comportamento gravíssimos de outelro do ano passado — não é mais o país de outrora que os Estados Unidos possam renovar o tabuleiro internacional porque lhes propõe, por exemplo que eles orem "aos povos coloniais e dependentes, Cuba é um Estado soberano, cuja soberania os povos exigem seja respeitada. Os Estados Unidos não podem tirar impunemente as promessas que assumiram no pré-arranjo a União Soviética, com quem trataram diretamente para evitar uma confrontação armamentista, de que não invadiriam Cuba. Os Estados Unidos não se comprometem a não invadir Cuba, embora a União Soviética tenha prometido não fazer isso.

### SÃO PAULO ORGANIZA A RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA: POVO DEFENDERÁ OS MANDATOS DOS DEPUTADOS POPULARES

SÃO PAULO (Da sucursal) — Diferentemente vêm se realizando em todo o Estado "assembleias sindicais, atos públicos nas organizações de amigos de bairros, concentrações nas ferrovias, no porto de Santos, nas escolas e em associações de classe: organizadas e realizadas em defesa da democracia e em oposição à vontade popular expressa nas urnas, representada pela tentativa de cassação dos mandatos dos deputados eleitos pelos trabalhadores e pelos sargentos, a 7 de outubro último.

### ANUNCIAM AS AUTORIDADES UM AUMENTO MÉDIO DE CÉRCOS DE 70% NOS PREÇOS DOS DERIVADOS DA PETRÓLEO

Significativo isto que o governo não quer reconhecer, na política de combustíveis, pelo caminho mais fácil, tomar a linha de menor resistência, distribuindo indistintamente sobre o povo mais esta carga da inflação, é o problema econômico que se apresenta ao povo brasileiro, já tão atormentado por aumentos brutais de preços, pela ação criminosa e praticamente impune dos especuladores, pela espolição das empresas imperialistas, notadamente as norte-americanas? Claro que não.

### FORA DE RUMO

Paulo Nello Lima

### REVOLTA NA FORÇA PÚBLICA

Protestando contra a invalidação da eleição do líder da classe Herótilde Carvalho, os sargentos da Força Pública promoveram ontem, quarta-feira, uma grande assembleia na sede do Centro Social dos Sargentos da Força Pública. No manifesto distribuído pela comissão organizadora do ato conclamava-se à luta "contra a usurpação que tenta violar os direitos do povo brasileiro", levando os sargentos lutar "ao lado dos nacionalistas pela diplomacia e posse dos deputados eleitos a 7 de outubro pelo sagrado voto do povo". Depois de salientar que os sargentos podem contar com o apoio dos sindicatos dos trabalhadores e da população o documento afirma: "Elegemos nosso deputado a custa do nosso sacrifício, a fim de termos um representante nosso no legislativo paulista. Nosso voto será defendido se for necessário até com o nosso sangue. Temos sede de justiça. Queremos justiça, não pelas nossas mãos e sim pela consciência."

### A NOVA ESTRATÉGIA DOS COMUNISTAS

Que mudanças importantes ocorreram na estratégia dos comunistas brasileiros, desde a queda de Vargas, até a atual situação? Como influenciar a luta dos trabalhadores no atual momento de uma nova estratégia comunista? Esta é a temática abordada no artigo "A Nova Estratégia Revolucionária do Movimento Comunista Internacional" no n. 11 da revista PROBLEMA DA PAZ E DO SOCIALISMO, e vendida nas livrarias e em todas as bancas e stands de jornais do país.

### NOVAS PROVOCAÇÕES

Tudo indica que estão sendo preparadas novas provocações contra Cuba por parte do imperialismo americano e suas agências. No fim de semana passada, o Columbia Broadcasting System, poderosa rede de rádio e televisão dos Estados Unidos, espalhou um etó em que um dos principais dirigentes cubanos, Carlos Rafael Rodríguez, presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária, havia sido alvo de um atentado terrorista e seria gravemente ferido. A CBS mentiu, desconhecendo que se tratava de um atentado que não aconteceu. O Columbia Broadcasting System não faz apenas a este tipo de declarações, mas também muito particularmente de que conspiram contra o regime cubano, contra Cuba. Trata-se de criar um clima de confusão, terror e agitação para facilitar a ação dos imperialistas.

### O estatístico aqui e lá fora

Essas considerações ocorrem-nos a propósito de uma exposição feita recentemente perante o Senado mexicano por um membro daquela casa legislativa do país irmão, de regresso de uma viagem à Itália. Publicou-se a revista "Comércio Exterior", órgão do Banco Nacional do Comércio Exterior S.A., do México, em seu número 11 do ano passado. Dando uma idéia do papel desempenhado pelo Estado italiano na vida econômica do país, o referido senador mencionou os seguintes números: em 1960, as exportações de participação estatal contribuíram com 54% da produção de aço; com 30% da produção elétrica gerada (atualmente, toda a indústria de eletricidade na Itália sobe-se nacionalizada, em consequência de recente lei); com 30% da capacidade instalada dos aerôstatos; 64% do transporte marítimo misto e dos passageiros; com 94% da produção de gás metano (gás natural) e capital social das 4 mais importantes instituições de crédito, pertencendo quase totalmente ao IRI (Distrito de Reconstrução Industrial), um dos "setores de gestão" estatais; e transporte aéreo e determinadas linhas internacionais são operados pela empresa ANIATA, onde 62% do capital pertencem ao Estado, através do IRI; os serviços de rádio e televisão acham-se concentrados com exclusividade à RAI, em cujo capital o IRI participa com 75%. E isso sem falar no poderoso ENI — que opera na indústria e na indústria petrolífera — e ao qual se deve em parte o desenvolvimento econômico recente da Itália. Desde que se vê que os nossos adversários do "estatismo" não têm razão para o acusarem que

### COMÍCIOS NOS BAIRROS

Em defesa do voto popular e pela posse dos deputados

### Ajuda a NOVOS RUMOS

Rodoviaris (Rio — GB) ..... 1 010,00  
Um Amigo (Rio — GB) ..... 100 000,00  
Bon Venturo (S. J. Merrit — RJ) ..... 200,00  
Amigos de Cabanel (Rio Paulo — SP) ..... 3 680,00  
Amigos de Nêleto Bandeira (Brasília) ..... 2 200,00  
Amigos da Vila do IAPF (Brasília) ..... 1 000,00  
Márcio Dias (Rio — GB) ..... 700,00  
Frente de Libertação Nacional (V. Conquista — RJ) ..... 10 000,00  
M. Pimentel (Niterói — RJ) ..... 500,00  
Ximenes (Petrópolis — RJ) ..... 2 000,00  
121 270,00

### COMÍCIOS NOS BAIRROS

Em defesa do voto popular e pela posse dos deputados

### Nota Econômica

Um dos temas prediletos dos grupos econômicos mais reacionários, entre nós, sobretudo através de sua imprensa, é a chamada questão do "estatismo". Isto é, da participação do Estado na atividade econômica. Na verdade, os ataques contra o "estatismo" devem ser compreendidos: apresentam-se como ataques — são ataques — em que o Estado não funciona como vira-língua e cujas tentativas de favorecer grupos se resumem. Para esse grupo, sendo para todos, ao menos um grande parte dos males da economia do País originam-se do "estatismo" e não raro invocam o exemplo dos países capitalistas desenvolvidos, que o seriam porque a "livre empresa" não encontra obstáculos como aqui.

### FORA DE RUMO

Paulo Nello Lima

### REVOLTA NA FORÇA PÚBLICA

Protestando contra a invalidação da eleição do líder da classe Herótilde Carvalho, os sargentos da Força Pública promoveram ontem, quarta-feira, uma grande assembleia na sede do Centro Social dos Sargentos da Força Pública. No manifesto distribuído pela comissão organizadora do ato conclamava-se à luta "contra a usurpação que tenta violar os direitos do povo brasileiro", levando os sargentos lutar "ao lado dos nacionalistas pela diplomacia e posse dos deputados eleitos a 7 de outubro pelo sagrado voto do povo". Depois de salientar que os sargentos podem contar com o apoio dos sindicatos dos trabalhadores e da população o documento afirma: "Elegemos nosso deputado a custa do nosso sacrifício, a fim de termos um representante nosso no legislativo paulista. Nosso voto será defendido se for necessário até com o nosso sangue. Temos sede de justiça. Queremos justiça, não pelas nossas mãos e sim pela consciência."

### Ajuda a NOVOS RUMOS

Rodoviaris (Rio — GB) ..... 1 010,00  
Um Amigo (Rio — GB) ..... 100 000,00  
Bon Venturo (S. J. Merrit — RJ) ..... 200,00  
Amigos de Cabanel (Rio Paulo — SP) ..... 3 680,00  
Amigos de Nêleto Bandeira (Brasília) ..... 2 200,00  
Amigos da Vila do IAPF (Brasília) ..... 1 000,00  
Márcio Dias (Rio — GB) ..... 700,00  
Frente de Libertação Nacional (V. Conquista — RJ) ..... 10 000,00  
M. Pimentel (Niterói — RJ) ..... 500,00  
Ximenes (Petrópolis — RJ) ..... 2 000,00  
121 270,00

### COMÍCIOS NOS BAIRROS

Em defesa do voto popular e pela posse dos deputados

### FORA DE RUMO

Paulo Nello Lima

### REVOLTA NA FORÇA PÚBLICA

Protestando contra a invalidação da eleição do líder da classe Herótilde Carvalho, os sargentos da Força Pública promoveram ontem, quarta-feira, uma grande assembleia na sede do Centro Social dos Sargentos da Força Pública. No manifesto distribuído pela comissão organizadora do ato conclamava-se à luta "contra a usurpação que tenta violar os direitos do povo brasileiro", levando os sargentos lutar "ao lado dos nacionalistas pela diplomacia e posse dos deputados eleitos a 7 de outubro pelo sagrado voto do povo". Depois de salientar que os sargentos podem contar com o apoio dos sindicatos dos trabalhadores e da população o documento afirma: "Elegemos nosso deputado a custa do nosso sacrifício, a fim de termos um representante nosso no legislativo paulista. Nosso voto será defendido se for necessário até com o nosso sangue. Temos sede de justiça. Queremos justiça, não pelas nossas mãos e sim pela consciência."

### A NOVA ESTRATÉGIA DOS COMUNISTAS

Que mudanças importantes ocorreram na estratégia dos comunistas brasileiros, desde a queda de Vargas, até a atual situação? Como influenciar a luta dos trabalhadores no atual momento de uma nova estratégia comunista? Esta é a temática abordada no artigo "A Nova Estratégia Revolucionária do Movimento Comunista Internacional" no n. 11 da revista PROBLEMA DA PAZ E DO SOCIALISMO, e vendida nas livrarias e em todas as bancas e stands de jornais do país.

Como começou a semana, sob um calor de morte, com o Serviço de Meteorologia a insistir em chamar de tempo bom os trinta e sete ou trinta e oito graus à sombra. Enquanto isso, grupos do PSD se entregavam à procura de uma fórmula através da qual seria revogado o Ato Adicional, o que o povo já revogou. Segundo a química pesadista, o defunto seria morto por meio de uma emenda do sr. Argemiro Figueiredo, que por sua vez estaria "tomando corpo".

Como começou a semana, sob um calor de morte, com o Serviço de Meteorologia a insistir em chamar de tempo bom os trinta e sete ou trinta e oito graus à sombra. Enquanto isso, grupos do PSD se entregavam à procura de uma fórmula através da qual seria revogado o Ato Adicional, o que o povo já revogou. Segundo a química pesadista, o defunto seria morto por meio de uma emenda do sr. Argemiro Figueiredo, que por sua vez estaria "tomando corpo".

# O Proletariado e os Camponeses de S. Paulo

Mobás Vinhas

Os anos de 1961-62 foram de acontecimentos políticos no País. Um fato novo que se destaca e acentua é a crescente participação do proletariado e das massas camponesas na vida política nacional. Com o desenvolvimento do capitalismo, cresce o proletariado e se processa a diferenciação de classes no campo, tornando-se marcante o péso específico das massas trabalhadoras. As lutas e a organização das mesmas fortalecem-se. O mesmo ocorre em S. Paulo.

De 1961 para o desenvolvimento da agricultura em S. Paulo, o número de estabelecimentos industriais atingiu 55 mil, aproximadamente. O mesmo desenvolvimento foi acompanhado pelos estabelecimentos do comércio, bancrios, bem como agropecuários, isto leva, como é óbvio, no intenso crescimento do proletariado, que alcançou mais de dois e meio milhões de pessoas. O número de empregados na capital do Estado, segundo os últimos dados estatísticos oficiais chegou a um milhão e meio. Dos dois e meio milhões de empregados, mais de um milhão são operários de indústrias de transformação e meio milhão se concentram em estabelecimentos de mais de 500 empregados, incluídas as usinas de açúcar.

Como consequência da penetração do capitalismo no campo, as relações de produção ali se tornaram capitalistas. A população urbana elevou-se a 64% contra 36% da rural. Entre um milhão e 150 mil camponeses pobres, contam-se mais de 300 mil proprietários e semiproprietários rurais. E outros fatos marcam as características fundamentais do Estado de S. Paulo como uma sociedade capitalista diferente de outras unidades da Federação.

Os trabalhadores paulistas das cidades e do campo, aumentam assim seu péso específico na população paulista. Tal fato exerce influência no desenvolvimento econômico, social e político do Estado. Este desenvolvimento se processa sob pesada pressão do imperialismo, do monopólio da terra mantido pelos latifundiários e com o fortale-

cimento econômico da burguesia. Na última década, a força dos trustes norte-americanos, em São Paulo, atingiu, com sua penetração, 71 dos 91 bilhões de cruzeiros investidos no País; por sua vez, os latifundiários, que representam 5% dos proprietários e menos de 1% da população, monopolizam em suas mãos mais de 95% da terra e conservam relações precapitalistas, auferindo fabulosos lucros da produção agropecuária, que atingiram, em 1961, 263 bilhões de cruzeiros. A burguesia fortalece-se economicamente: dos 38 bilhões de cruzeiros, que atingem os capitais dos grupos econômicos particulares em todo o país, 34 bilhões concentram-se em São Paulo. As classes dominantes vêm auferindo lucros fabulosos, chegando alguns a 500 e até 1000% sobre o capital empregado.

A elevação do custo da vida — resultado da ação dos trustes, do monopólio da terra, da inflação e da política do governo — atingiu estes dois anos uma média de 50 a 60%, tendo alguns gêneros e utilidades, de necessidade premente para o povo, aumentado em 100 e 150%. Deste modo, os aumentos de salários são rapidamente de terrores. Como assinalou a revista "Desenvolvimento e Conjuntura", no início de 1962, 45% conquistados pelos operários paulistas em 1961, apenas 5% tinham real força aquisitiva. Assim, os lucros e privilégios destas classes são obtidos às custas das massas do campo espoliadas e do empobrecimento relativo e absoluto do proletariado.

As contradições aumentam e se acirram entre o povo e o explorador estrangeiro, bem como as classes dominantes em geral.

Durante o ano de 1962 realizaram-se numerosas lutas, especialmente greves por reivindicações econômicas e políticas, tanto desencadeadas pelos empregados urbanos, como pelos rurais. O traço comum foi o protesto contra a carestia e a espoliação. Tiveram especial destaque a greve dos empregados da imprensa e dos serviços de difusão, de tra-

balhadores dos diferentes setores de produção dos portuários, dos transportes. Fato a sublinhar foram as greves de várias usinas de açúcar e nas fazendas do interior do Estado. A estas deve-se acrescentar os movimentos dos camponeses por melhores preços para os produtos agropecuários e contra os despejos. O número de greves em 62 superou a um milhar, sendo que algumas foram desencadeadas por setores interiores e tiveram caráter de massas, como por exemplo, da fazenda sanitista e dos metalúrgicos, na capital do Estado, conquistaram, entre outras, a cláusula do reajuste salarial automático após o decorrer do primeiro semestre de 1963 e o pagamento do 13.º salário. Com as lutas de todo o povo, foi conquistado o decreto de sindicalização rural, que facilita a sua organização.

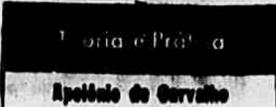
Neste período marcam as massas de São Paulo um ascenso na tomada de posições e nas ações políticas. Nos encontros locais e nacionais, assim como de setores profissionais, aprovaram decisões políticas de importância; e finalizaram por reformas de base de caráter de emancipação nacional e pela reforma sindical nacional já levantaram a bandeira por um governo de coalizão nacionalista e democrático, inclusive com sua própria participação no mesmo, além de outras forças populares. O mesmo ocorreu na I Conferência dos Trabalhadores e Lavradores do Campo, na qual os delegados se definiram por uma reforma agrária radical e por outras medidas de caráter antilatifundiário. Destaque especial tiveram suas posições em defesa da autodeterminação do povo cubano. Não obstante, o nível de lutas, não correspondem às condições objetivas e às necessidades, sua ação vem crescendo. Apesar dos esforços da reação e dos setores para afastar o proletariado da participação nos acontecimentos políticos, ele teve uma ação de destaque. Assim, na crise de governos de junho de 1962, toda a Baixada Santista e a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí pararam. Estas tiveram a participação de, aproximada-

mente, 100 mil empregados; já na crise política de setembro último, além da zona citada, participou da greve o proletariado de diversos municípios industriais — Jundiaí, Campinas — os empregados dos bancos da capital do Estado e outros. Estas ações contaram, com mais de 200 mil empregados. Fato novo a assinalar representam as numerosas assembleias de trabalhadores rurais e as greves nas usinas. O proletariado organizado também contribuiu mais do que em qualquer outra ocasião para a eleição de candidatos aos legislativos de líderes e dirigentes seus, que vêm se destacando em suas lutas.

Durante este período, o proletariado e as massas do campo enfrentaram a reação. Dezenas de milhares de trabalhadores foram aprisionados e espancados. Dezenas estão sendo processados, e o líder camponês João Correia Neto cumpre 20 meses de prisão, condenado pela Justiça retrógrada a serviço dos latifundiários. Apesar das acentuadas particularidades do Estado de São Paulo, no conjunto das unidades da Federação, no terreno econômico, da estrutura de classes e das deficiências de sua organização, as massas trabalhadoras prosseguem em sua união, organização e fortalecimento, com perspectivas de novas lutas e êxitos. De 1962 para cá, a organização de sindicatos desenvolveu-se: passou de 235 para 310 em 1960. As federações sindicais aumentaram de 14 entidades para 18; e as centrais sindicais, estruturadas em plênários e conselhos, que congregam a maioria dos sindicatos de municípios ou intermunicipais, passaram a 10 e finalmente criaram o comando geral dos trabalhadores do Estado. Em alguns setores a organização se estende às fábricas ou distritos, é o que ocorre em S. Paulo. O mesmo acontece com a organização dos trabalhadores do campo. Nos últimos dois anos, partindo quase da estaca zero, atingiu a mais de meia centena de associações e alguns sindicatos rurais. Neste sentido, especial destaque têm as organizações dos empregados na indústria de produtos alimentícios que engloba usinas e frigoríficos, cuja

esmagadora maioria é do interior do Estado. O proletariado e os lavradores, na luta contra a reação e por seu fortalecimento, combatem suas próprias tendências que lhes têm dificultado maiores conquistas. Aquilo luta para se libertar da influência reformista da burguesia, cuja ação tem levado a divisão em suas fileiras e dificultado a elevação de sua consciência política, isolando-o, ainda, das demais forças do povo. Luta também contra a função corporativista dos sindicatos, que os transformam em apêndice da Justiça trabalhista — que serve de alavanca para a paz social e entra na luta de classes; luta contra os aspectos burocráticos e o sectarismo no seu funcionamento; contra a transformação dos sindicatos em órgãos de assistência social e em organizações estreitas e de cúpula. Buscam combater a lacuna que se formou entre os sindicatos e as massas das fábricas, o que dificulta o trabalho de levar à prática muitas de suas decisões. Na verdade, a sindicalização não alcança além de 30% e a organização no local de trabalho — que é a base para a execução de suas decisões — quase inexistente, devido à repressão patronal, mas também por aceitação passiva desta situação por numerosos militantes sindicais. Os trabalhadores rurais paulistas não têm tradição de organização. A repressão, por sua vez, é violenta. Ainda constitui "caso de polícia" a organização e a ação dos mesmos nas fazendas por suas reivindicações. Lutam igualmente para melhorar sua organização, pois ainda chegam a 50 mil associados, para um total de mais de um milhão de camponeses pobres do Estado. Eles procuram bem utilizar o decreto que regulamenta a sindicalização rural.

Contra estas deficiências e dificuldades lutam as massas trabalhadoras da cidade e do campo. Obtiveram êxitos, como vimos. Aprestamos para novos avanços em suas lutas, por reivindicações econômicas e políticas, e tendem, irreversivelmente, a ocupar o lugar de destaque que lhe reservou a história nas lutas do povo pela emancipação nacional, a democracia e o progresso.



Apelido de Curralão

(Pergunta do leitor Milton Azevedo Torres, de Ramos, OB)

## "Em que se baseiam as relações entre o latifúndio e o imperialismo?"

São relações históricas, cujas raízes vêm de longe: do período colonial e do Império. Elas tomam forma definida a partir da República, quando se instaura o predomínio dos monopólios na economia mundial.

Sua base material reside, hoje como ontem, em nossa economia de exportação (da indústria extrativa à lavoura da cana, do algodão e do café) e no monopólio estrangeiro de nosso comércio exterior. Ao tempo do Brasil-colônia, esse monopólio pertence à Corte de Lisboa — e, durante dois séculos e meio, ela o defende, com unhas e dentes, contra as sublevações que despotizam no interior de nosso país. Pouco a pouco, porém, Portugal cai sob a tutela da Inglaterra — e abre caminho, assim, à nossa própria dependência direta ao comércio inglês. A influência da Inglaterra consolida-se, a partir do século XIX, com a abertura de nossos portos e com o tráfico de negros, e avança através do 1.º e 2.º Reinos. Assim se definem interesses comuns e relações duradouras entre os senhores de terras e os senhores do comércio brasileiro em ascenso e as entidades comerciais inglesas. As vésperas da República, — quando o Brasil já é o maior produtor mundial de café — as maiores firmas exportadoras desse produto são já os Philips, Brothers & Co. e os Edward Johnson & Co., ligados a bancos de Londres.

Em nosso século, a Inglaterra perde sua posição dominante. Sobretudo depois de 1930, nosso comércio exterior oscila entre ela, os Estados Unidos, e as novas potências totalitárias — particularmente o Japão e a Alemanha. Com o início da Segunda Guerra Mundial, os bancos e monopólios norte-americanos ficam em situação privilegiada e, pouco a pouco, substituem os demais concorrentes na maior parte de suas zonas de influência e aplicação. Isso se passa no domínio dos empréstimos externos e dos investimentos diretos e, naturalmente, também no terreno do comércio exterior.

Hoje, o maior exportador de nosso café e de nosso algodão é um consórcio lanque: Anderson Clayton. Com ele, 5 outras grandes associações norte-americanas dominam parte considerável da exportação cafeeira: American Coffee, Naumann Gepp, Leon Israel, Volkart Bros, Hard Hand. Juntamente com algumas grandes empresas de capitais brasileiros — como Jabour, A. Lima, A. Ferreira Santos — elas dominam, em média, 40% de nossa exportação de café. Suas relações com a classe dos latifundiários e com a burguesia ligada ao comércio exterior são íntimas e sólidas, como expressão de interesses comuns decisivos e vitais.

Essa comunidade de interesses provém de seu caráter comum de forças de reação e de atraso. O latifúndio prolonga até nós o mundo primitivo dos senhores de escrava-

dos e dos restos feudais. O imperialismo é o capitalismo moribundo, parasitário, em sua etapa superior e derradeira. Um e outro são responsáveis diretos pela estreiteza de nosso mercado interno, pelas limitações de nosso regime democrático, pelos profundos contrastes de nossa realidade social. Ambos vêm no desenvolvimento econômico independente, no avanço das novas forças sociais, na renovação econômica e política do país, ameaças diretas à estrutura arcaica em que assentam seus privilégios e interesses antinacionais.

Sua ação combina-se ao grande capital comercial, aos grandes bancos, aos transportes terrestres e marítimos — e, acima de tudo, à política econômico-financeira e ao binômio desvalorização de preços-desvalorização externa da moeda. Até 1945, as estradas de ferro de propriedade inglesa constituíam 33% de nossa rede ferroviária — mas transportavam 95% dos produtos destinados ao comércio exterior. Entre 1959 e 1961, a queda de preços de nossos produtos de exportação roubou-nos 1 bilhão 650 milhões de dólares — enquanto, para manter os lucros dos grandes fazendeiros, a colação do dólar-café (por exemplo), se elevava de 78 a 90 cruzeiros (no governo Kubitschek), a 200 e 300 cruzeiros (no governo Jânio Quadros) e a 490 cruzeiros (já sob o governo Goulart). Com isso, os monopólios gastam sempre menos dólares pelo que nos compram e os grandes fazendeiros recebem sempre mais cruzeiros pelos produtos exportados — enquanto se agravam infinitamente a inflação, a carestia, a miséria do povo e a dependência do país.

Esse assalto ao povo e à riqueza nacional é possível ainda porque latifundiários e agentes do imperialismo continuam a dominar parte do aparelho do Estado. E porque, incorporada ao poder político, a burguesia ligada aos interesses nacionais concilia com eles — como cúmplices ou como socia, através dos governos que se sucedem. Essa tendência ao compromisso, fruto de seu caráter contraditório de classe potencialmente revolucionária mas essencialmente conciliadora, continuará presente enquanto as forças populares não impuserem um novo curso econômico e uma nova política, através de sua pressão organizada e de sua participação progressiva no aparelho estatal.

Els porque a bandeira de um governo nacionalista e democrático — de que participem também as massas populares e em particular a classe operária — responde às exigências maduras de nosso desenvolvimento social — e, com elas, aos interesses mais profundos de nosso povo e de nosso país.

# A IV Conferência Mundial Dos Trabalhadores Agrícolas, Florestais e Das Plantações

Nestor Vera

Sofia, capital da Bulgária, recebeu no mês de novembro, com o carinho e a atenção que o povo bulgário dispensa sempre a seus visitantes, os representantes dos trabalhadores agrícolas de todo o mundo, que ali realizaram a IV Conferência Mundial dos Trabalhadores Agrícolas, Florestais e das Plantações (UISTAFF). 152 delegados, pertencentes a 66 sindicatos e organizações — das quais 56 centrais nacionais — e representando 66 países dos cinco continentes ali trabalharam de 20 a 24 daquele mês. Convocada pela União Internacional dos Trabalhadores Agrícolas, Florestais e das Plantações (UISTAFF), a Conferência reuniu representantes de 17.000.000 de filiados a UISTAFF e de mais 8.000.000 de trabalhadores não filiados a essa central. Se compararmos o comparecimento à III Conferência com o desta, podemos avaliar o quanto foi justa a orientação da UISTAFF em sua luta pela unidade e o fortalecimento da organização. A III Conferência, realizada em Budapeste em 1958, contou com a participação de 103 delegados, observadores e convidados, pertencentes a 47 organizações nacionais ou regionais, filiadas ou não a UISTAFF, de 34 países e representando 19.499.955 trabalhadores organizados. Destes, apenas 13.737.180 pertenciam a organizações filiadas a UISTAFF. Naquela Conferência estavam representados 6 países da América Latina e 6 da África; agora havia representantes de 8 países da América Latina e de 17 da África.

O informe sobre o primeiro ponto da ordem do dia foi apresentado pelo companheiro Vincenzo Galetti, secretário geral da UISTAFF, que fez uma análise detalhada das condições de vida dos trabalhadores agrícolas em todos os países, das atividades da UISTAFF e da situação política geral. Lyndolpho Silva, representante dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil, apresentou o informe a respeito do segundo ponto da ordem do dia — Experiências e Características da Luta pela Reforma Agrária nos Países da América Latina. Tanto um quanto o outro abriram amplias perspectivas para os debates e para as resoluções finais, merecendo, por isso, aprovação por unanimidade. Durante cinco dias de intenso trabalho, esses informes foram debatidos de maneira ampla, democrática e fraternal. As interven-

ções dos delegados, apresentando valiosas experiências de luta e de organização, enriqueceram a discussão. Constatou-se que, dentre as reivindicações dos trabalhadores do campo, as lutas mais importantes são a luta pela reforma agrária nos países capitalistas, coloniais e dependentes, a luta pela reforma agrária radical, que elimine o monopólio da terra e o latifúndio. Mas, enquanto não se atingir tal objetivo, as lutas pelas reformas agrárias parciais levam ao fortalecimento do movimento contra o latifúndio e o imperialismo e elevam a consciência e a combatividade dos camponeses.

Enquanto os representantes dos países socialistas demonstravam, com dados concretos, a melhora constante das condições de vida, de trabalho e de bem-estar dos trabalhadores agrícolas e dos camponeses em conjunto, os dos países capitalistas, coloniais e semicolônias apresentavam quadros alarmantes do agravamento crescente das condições de vida e de trabalho das massas que vivem no campo; da falta de liberdade e de direitos dos trabalhadores, dos crimes que se praticam contra eles, da discriminação contra a mulher e da exploração desumana dos menores.

A Conferência se realizou num momento crucial da história da humanidade, quando os povos mal se afastavam da mais séria ameaça de uma catástrofe nuclear, criada com o bloqueio militar estabelecido pelo imperialismo norte-americano em torno da heróica Cuba. Por isso mesmo, a situação do Caribe mereceu uma atenção especial. A Comissão que discutiu esse assunto foi a mais importante da Conferência, pois de todos os continentes, inclusive o Brasil, destacou-se ali a necessidade de se intensificar a luta por uma reforma agrária radical, que liquide com o monopólio da terra, com o latifúndio, entregando a terra a quem a trabalha. Uma tarefa importantíssima para a conquista desse objetivo e o desamassamento das reformas agrárias da burguesia e

dos latifundiários, que têm como finalidade enganar os trabalhadores, criar uma nova forma de escravização, manter o monopólio da terra e fazer grandes negociações de terras. Aqui na América Latina temos o exemplo altamente positivo da reforma agrária cubana. Esse é o tipo de reforma agrária que interessa aos trabalhadores deste continente.

Destacou-se com muita ênfase que a luta pela reforma agrária radical está intimamente ligada à luta contra o imperialismo e todas as castas que o apoiam, a libertação total do país, a implantação de um regime popular e democrático. A luta pela reforma agrária radical está intimamente associada à luta contra o colonialismo e todas as formas de monopólios exploradores e por isso ela só pode ser vitoriosa se contar com o apoio de todas as camadas progressistas do campo e da cidade, tendo como seu núcleo fundamental a aliança operário-camponesa. A conferência não deu, e nem poderia dar, uma receita especial para cada país, mas a reforma agrária radical é uma questão de cargo das organizações dos trabalhadores em cada país, levando em conta suas particularidades. Mas, uma coisa muito importante ficou perfeitamente claro: que é tarefa primordial, nesta questão de reforma agrária, combater energeticamente todo o oportunismo de direita, que procura desviar a luta pela reforma agrária. O oportunismo de direita procura convencer as massas a se manterem passivas, esperando uma solução dada pelas classes dominantes e com isso conduz a impedir uma solução radical do problema da terra.

Chamou-se igualmente a atenção para a necessidade de se intensificar a luta pelas reivindicações mínimas e imediatas dos trabalhadores do campo, tais como baixa do arrendamento, contrato a longos prazos, crédito agrícola em condições favoráveis, aumento de salários, seguro social e outros reivindicações que se podem ir conquistando no curso da preparação da luta pela reforma agrária radical. Isso facilita organizar os trabalhadores, esclarecê-los e elevar seu espírito combativo e revolucionário. Deu-se destaque, ao mesmo tempo, à necessidade de ser intensificada a solidariedade internacional entre os trabalhadores agrícolas e

de se aumentar as trocas de delegações. Esse método está dando ótimos resultados. O programa de luta e de ação aprovado pela Conferência impulsionará o movimento dos trabalhadores agrícolas, florestais e das plantações nos vários continentes, fortalecendo as organizações existentes e contribuindo para a criação de novas organizações, incorporando nos sindicatos e associações rurais novos milhões de trabalhadores em todos os países do mundo e elevando o nível de suas lutas.

A Conferência revelou-se importante fator de unidade, como ficou demonstrado na aprovação do seu programa de ação. O número de organizações que se reunem em torno da UISTAFF cresce. E outras organizações não filiadas a UISTAFF apoiam um núcleo imponente de suas resoluções e sua orientação geral, assim como as diretrizes da Federação Sindical Mundial, central da qual a UISTAFF é um dos departamentos. Somos de opinião que as decisões dessa IV Conferência Mundial de Trabalhadores Agrícolas, Florestais e das Plantações darão ótimos resultados no Brasil. O movimento camponês pela reforma agrária radical, pelas reivindicações imediatas, assim como pelas lutas de democracia, pela paz e em defesa da Revolução Cubana, que tem crescido depois do Congresso camponês de Belo Horizonte, tomará novo impulso com a aplicação destas resoluções. Neste momento, a ULTAB, que ao lado da aplicação das resoluções do Congresso de B. Horizonte, se empenha na tarefa de sindicalização rural a fim de organizar os cinco milhões de trabalhadores que trabalham na agricultura brasileira, julga que poderá cumprir melhor essa tarefa com as experiências adquiridas na Conferência de Sofia.

Para atingirmos nosso objetivo aqui no Brasil, dar aos camponeses uma vida feliz, muito temos que fazer. Um dos nossos objetivos mais importantes agora é a luta pela unidade e pela organização do movimento camponês. Nesse sentido, é necessário combater com energia o divisionismo e o aventurelismo que começam a surgir no movimento camponês, instigados pelas correntes da burguesia e da pequena burguesia e que fazem o jogo dos latifundiários e do imperialismo. Lutamos pelo

mental é o conteúdo de classe das mesmas e seu plano de ação e de luta contra o imperialismo, pela paz mundial, em defesa da Cuba, pela reforma agrária radical e as demais reivindicações dos trabalhadores do campo. Consideramos que esta será a melhor maneira de aplicarmos as Resoluções da IV Conferência Mundial dos Trabalhadores Agrícolas, Florestais e das Plantações, que condizem com os anseios dos trabalhadores agrícolas brasileiros.

## Novas Detenções e Torturas em Barcelona

Antônio Guardiola

Um cabograma de Paris anunciou que o dirigente operário catalão Pedro Ardiaca, membro do Comité Executivo do Partido Socialista Unificado da Catalunha, foi preso pelo gendarme da polícia de Barcelona, submetido a constantes torturas. Foi preso também o doutor Gutiérrez Díaz, eminente médico de Barcelona, que como Ardiaca, encontrava-se na chefia da polícia sofrendo selvagens semelhanças. Quando está em seu apogeu a mobilização de protesto contra o bárbaro crime de que foi vítima Julián Grimau, recente ainda a recordação das inhumanas torturas aplicadas a Ramón Ormazabal e seus companheiros e ao católico José Ramón Recalde, para só citar estes casos, novamente o povo espanhol e a opinião democrática mundial são abalados por este crime recente.

A bestial repressão franquista, embora faça dos comunistas suas vítimas prediletas, atinge todos os setores da oposição antifranquista: operários, camponeses, estudantes, intelectuais, artistas e profissionais. Comunistas, católicos, socialistas, anarquistas, liberais e até padres caem sob a irredutível do tirano, enraivecido ao ver que se aproxima o fim de seu reinado de guerra, ódio e latrocinios.

Os crimes e arbitrariedades do regime dos generais Franco e Muñoz Grandes, do "Opus Dei" e da camarilha de apunhados enriquecidos nessa feira de latrões que é o regime franquista, não se limitam aos crimes policiais e a preparar monstruosos conselhos de guerra sumaríssimos. Compreendem também outras formas não menos brutais do que esses tormentos e processos pela Jurisdicção da Guerra, como são as deportações em massa de mineiros asturianos e outros trabalhadores espanhóis, as demissões, etc.

A fim de se ter uma idéia pálida, entretanto, das proporções a que atinge a repressão, damos os dados seguintes, muito incompletos: entre 1959 e 1962 (setembro) realizaram-se na Espanha 78 Conselhos de Guerra sumaríssimos, nos quais foram condenados 694 antifranquistas; 4 à pena de morte e 580 a penas que totalizam 3.221 anos de prisão. A respeito dos outros 110 condenados, ignora-se a gravidade das penas que lhes foram impostas. Recordamos, de passagem, que só na Prisão Central de Burgos há 400 presos políticos cujas condenações somam mais de 100 séculos de cárceres.

A que se deve tanta e tão criminosa repressão, se não há violências por parte do povo, se as greves e outras reclamações trabalhistas, os protestos pela repressão e a falta de liberdades, os pedidos de anistia para os presos políticos e exilados e a luta pelo direito de greve, liberdade sindical, liberdade de criação intelectual e demais direitos do cidadão realizam-se em forma pacífica?

Deve-se a que a ditadura fascista do general Franco, assediada e cercada, está próxima a desaparecer. Deve-se a que a luta dos operários e camponeses, estudantes e intelectuais, o povo em geral, suspetou todas as bases de sustentação do regime. Deve-se, sobretudo, a que a heróica luta dos mineiros asturianos e as centenas de milhares de trabalhadores, que participaram nas grandiosas greves de abril e maio, feriram de morte o fascismo franquista.

Os meios terroristas, sangrentos e sádicos, que emprega a ditadura para prolongar sua existência produzem efeitos contrários aos que procura. Isto é, aceleram a marcha do processo político que a leva à sepultura. Mas, embora aproxime-se seu fim, não esqueçamos que quer morrer como nasceu: fazendo a guerra sem quartel ao povo e a suas

forças mais combativas. Essa guerra franquista sem quartel é a que os trabalhadores e o povo enfrentam, tentando evitar uma nova guerra civil.

Essa luta do povo espanhol, pacífica mas nem por isso menos heróica, precisa ser estimulada por uma solidariedade internacional cada vez mais ativa, por um esforço cada vez mais intenso e conjugado dos espanhóis da emigração, de seus centros e instituições, e dos grupos políticos de exilados. É a forma mais eficaz de solidariedade, do apoio que o povo espanhol precisa, é a luta contra a repressão e para que os monstruosos da Brigada Político-social não torturem mais democratas espanhóis; pelo desaparecimento dessa maldita Brigada e pela supressão das leis e dos tribunais militares, de exceção, pela conquista de uma rápida e total anistia para os presos e os exilados; pelas liberdades democráticas, numa palavra.

E agora, nestes momentos, pela cessação das torturas que os esbirros franquistas estão aplicando a Pedro Ardiaca, ao doutor Gutiérrez Díaz; para que o governo franquista informe sobre o estado em que se encontram os detidos; pela liberdade destes e a de Julián Grimau; para que, caso sejam julgados, o sejam sejam tribunais comuns, assegurando-lhes o direito de designar livremente seus advogados defensores; pela libertação de todos os antifranquistas detidos e deportados e pelo regresso aos empregos que tinham antes da prisão ou deportação.

Se o imperialismo lanque e toda a reação mundial protegem e ajudam Franco, que o façam por sua conta. Os democratas espanhóis elevarão cada dia mais alta a luta pela anistia, a liberdade e a paz e a solidariedade com esta luta deve ser mais intensa cada dia. E devemos fazê-lo com urgência. A Espanha está travando lutas decisivas pela democracia e a paz.

# Cinema Brasileiro, Cinema Novo

Conto de Página

TRISTE E VERDADEIRO

Enxada

B. de Albuquerque

Encerrou-se o ano de 1962 e o Cinema Novo completou seu primeiro aniversário. Tivemos durante o ano que passou o lançamento, aqui, na Guanabara, das seis principais produções da primeira fase da evolução de novo cinema: Os Cafajestes, de Rui Guerra e Miguel Torres (este recentemente falecido em acidente no interior do Nordeste); O Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte; Assalto ao Trem Pagador, de Roberto Farias; A Grande Feira e Tocaia, de Cino Vêzes Favela; e Cino Vêzes Favela, de Joaquim Pedro de Andrade, Miguel Borges, Marcos Farias, Carlos Diegues e Leon Hirszman.

Um dos episódios de Cino Vêzes Favela — Couro de Gato, de Joaquim Pedro de Andrade — recebeu dois prêmios internacionais. E maior troféu foi a laurea conquistada em Cannes por O Pagador de Promessas: melhor filme da importância internacional que mostra internacional um cinema. A obra de Anselmo Duarte ganhou ainda o prêmio de melhor partitura musical (Gabriel Milich), no Festival de San Francisco, e quase todos os troféus finalmente concedidos pela Comissão de Cinema do Estado de S. Paulo. O filme e pagou-se nos primeiros dias de exibição. Foi vendido ao estrangeiro, em bases compensadoras. Anselmo Duarte pegou impulso e saiu para outra. O produtor Osvaldo Massani, entusiasmado, resolveu abrir

a burra e soltou 50 milhões para realizar o Lampeão, Rei do Cangaceiro, também com Leonardo Vilar no papel-título.

Os Cafajestes causou uma celeuma só comparável à levantada pelo pioneiro Rio, de Graus, de Nelson Pereira dos Santos. Mas o filme de Rui Guerra e Miguel Torres, embora proibido no meio de sua primeira semana de exibição, devido à censura, rendeu só na Guanabara o suficiente para pagar os gastos de sua produção, que foi feita com o auxílio imaginável. Jece Valadão voltou ao estrangeiro, venceu o filme, Norma Benquell ganhou sucesso e foi morar num palácio da Itália de onde saiu para filmar no lado de Alberto Sordi e outras estrelas da península.

## SERÁ O CAMINHO?

Em 1962 falou-se todos os dias no cinema brasileiro. Os filmes citados deixaram um saldo bastante positivo para a criação de um sólido apoio para a formação de um cinema brasileiro. A definição de perspectivas e de sondagem das possibilidades de mercado interno, para produções comerciais que sejam de categoria artística e sejam dentro dos princípios propostos pelos seus realizadores nas discussões levantadas em torno do Cinema Novo.

Assalto ao Trem Pagador, de Roberto Farias, re-

tomou o caminho do filme policial, caminho que já fora revelado com auspiciosas perspectivas por Amei um Bicheiro, de Jorge Iliel e Paulo Vandelet, e por onde também já passara o mesmo Roberto Farias com Cidade Ameaçada.

O Pagador de Promessas continuou a pesquisa no filão de nacional-popular onde já se enraizavam as tendências de O Cangaceiro.

A Grande Feira e Tocaia no Asfalto, constituiriam tentativas de encantar certas mazelas urbanas, com a favela miserável e o sindicato de assassinos alugados para a prática de crimes políticos.

Cino Vêzes Favela foi a continuação das intenções de Nelson Pereira dos Santos em Rio, 40 Graus.

Faltaria falar de um filme já completado no ano passado, lançado na Bahia, mas que só veremos aqui no Rio já para março, e que é Três Cabras de Lampeão, de Aurélio Teixeira, para que se tivessem tratadas as grandes linhas teóricas por onde certamente trilharão os próximos filmes brasileiros, pelo menos dentro desta fase atual de definição de perspectivas e de sondagem das possibilidades de mercado interno, para produções comerciais que sejam de categoria artística e sejam dentro dos princípios propostos pelos seus realizadores nas discussões levantadas em torno do Cinema Novo.

Em 1962 foram produzidos cerca de 40 filmes no

Brasil. Um dos melhores índices do desenvolvimento de novo cinema, se atentarmos que há algum tempo fazíamos cerca de 10 filmes por ano, de qualidade deprimida.

fazíamos cerca de 10 filmes, por que não foram exibidos todos até agora? Porque, respondemos, ao ser entregue uma película para distribuição, começa a segunda grande luta do produtor nacional para conseguir que os distribuidores — estrangeiros na sua quase totalidade — coloquem-na no mercado. E quando lançado o filme, o fazem com o maior das máximas, chegando até a sabotar sua exibição. Recentemente, os cinemas de circuito Metro lançaram o Assalto ao Trem Pagador. O êxito da fita foi nêscio. Deveria a fita passar da primeira semana. Mas o que aconteceu é que a Metro deixou o filme em cartaz apenas sete dias. Por que fez isso? Porque durante a primeira semana de exibição o exibidor paga 30% da renda do filme ao produtor, ao passo que a partir da segunda semana é obrigado a pagar 50%. Ao circuito de uma distribuidora estrangeira, como a Metro, que exige seus próprios filmes, é muito mais conveniente lançar uma reprise de Tarzan, do que ficar prestigiando um filme brasileiro, que lhe dará, da segunda semana em diante, apenas a metade da renda da bilheteria.

## CRITICA CRITICA

Num dos últimos suplementos literários de O Estado de São Paulo, um jovem crítico de cinema mostrava que a própria atividade dos que se dizem críticos cinematográficos terá de sofrer uma adequação de critérios de julgamentos, inclusive, aproximando-se de nossos problemas sociais, a fim de poder entender, em toda sua extensão e profundidade, o cinema brasileiro. Ressaltou o crítico que a atuação de seus colegas, durante anos seguidos obrigados a apreciar de filmes feitos em outras terras, em outras sociedades, para outras culturas, apreciação de que os responsáveis pelo filme jamais tomariam conhecimento, acabou por impor aos críticos de cinema brasileiros critérios de valores que se mostram inadequados e insuficientes para uma crítica realmente eficiente, atuante e construtiva de nosso cinema.

Essa é apenas um dos problemas com que se debate nosso cinema. As fitas já lançadas como as que estão aguardando

o lançamento e as que se acha em produção de mostram a sociedade que fazemos da fase latente de nosso cinema. O campo está aberto. São milhares os jovens cineastas que estão de máquina na mão fazendo seus filmes. Já é tempo — principalmente depois dos sucessos internacionais alcançados — que sejam aprovadas as leis reclamadas por nossos cineastas para a proteção da indústria cinematográfica e o estímulo ao seu incremento.

## AGORA?

É claro que apenas arrancamos as mangas para pegar da foice e ir limpando o caminho. Ainda estamos no início da jornada e por isso as vitórias devem significar apenas que o público tem confiança nos que se aprestam para a grande empreitada. A frente está a postos para a desbravagem do caminho — ampla e variada. Os que constituem têm opiniões diversas de como deve ser o caminho. Mas todos sabem, querem e trabalham para que ele seja aberto. Nesta etapa, todas as experiências honestas todos os empreendimentos que sinceramente procuram ajudar para que se chegue mais rápido à grande descoberta são válidas e devem ser recebidos com compreensão e espírito de crítica construtiva.

É preciso que sectarismos estreitos, que impulsos ainda não amadurecidos, que generalidades intemperadas, que posições oportunistas e arrivistas sejam barridos para que não venham a fechar os passos que muita gente honesta e esclarecida está desenvolvendo, neste momento, para derrubar a mata e manter limpo e cuidado o caminho certo de nosso cinema brasileiro, de nosso cinema para o povo.

Acontecem coisas neste país demasiadamente tristes. Por exemplo: os Estados Unidos exigem (veja bem: exigem) uma revisão do Plano Trienal e se declaram contra as bases principais do trabalho do Sr. Celso Furtado. Afinal, somos ou não um país livre e capaz de dirigir a si mesmo? Por que — e com que intenção — os EUA querem tutelar-nos? Lido a notícia nos jornais e ato agora não lido nem vi nenhum protesto, nenhuma ação contra essa indôbita intromissão daquele país no nosso. Onde andamos nós?

Já também outra história, aqui portuguesa, professor de literatura portuguesa, chamado Rodrigues Lapa chegou ao cúmulo de sucumbir ao povo brasileiro quando tomou posição contra os nossos professores de literatura portuguesa, achando os mestres brasileiros de um nível inferior ao que a cultura portuguesa não poderia ser maltratada", diz esse salazarista. Imaginem só. Tudo isso porque houve um concurso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Minas Gerais para a qual se candidatou (e era o único candidato) o professor Neif Safady, que foi nomeado. Digam, isso está direito? Rodrigues Lapa, por que não ficou em Portugal? O que veio lá fazer no Brasil? Esqueceu que o Brasil é um país independente e não mais uma colônia portuguesa?

Felizmente os meios intelectuais não ficaram com o tal de Rodrigues Lapa. Crescem protestos de todos os lados. O professor Celso Cunha, que trouxe Rodrigues Lapa para o Brasil, declarou à imprensa que não poderia apoiar o monarquismo reagr contra esses atos. Mas isso não basta. Precisamos reagir contra esses atos. O Brasil não é mais o país do salazarista Rodrigues Lapa, não são os que queremos e gostamos de ser escravos e cultivamos o papel de humilhados cordeiros.

Imaginem agora se um de nós chegasse a Portugal e dissesse que os professores de literatura portuguesa ali não valem nada. O que aconteceria? Naturalmente seríamos expulsos do país, recordados como elementos de pior espécie. Mas em nosso país, o nem-tão-bom e tão usual que qualquer estrangeiro pode insultar-nos, tentar humilhar-nos e continuamos a deixá-lo ganhando dinheiro, vivendo aqui como se estivessem em sua pátria. Por que não ficarmos por lá? De quem é o dinheiro que eles ganham, senão do povo?

Estamos na hora de acordar dessa não-liquidez e tomar posição. Protestar por todos os meios e formas. A nós não mais cabe o papel de escravos. Protestemos enquanto tempo.

## Secundaristas Fazem Seminário e Divulgam «Declaração de BH»

BELO HORIZONTE — (Da sucursal) — Promovido pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas realizou-se nesta capital o I Seminário de Estudos do Brasil Central. Participaram do encontro cerca de 90 delegados dos Estados de Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Bahia e do Distrito Federal. As reuniões de comissões e sessões plenárias do encontro tiveram lugar na Faculdade de Ciências Econômicas e na Secretaria de Saúde.

## DECLARAÇÃO DE BELO HORIZONTE

As resoluções do seminário foram aprovadas e assinadas em um documento, divulgado sob o título de Declaração de Belo Horizonte. A Declaração denuncia a "deformação da consciência dos jovens brasileiros, tentada pela imprensa sadia, divulgadora de um falso idealismo" e alerta para a ação revolucionária "exercida junto à classe estudantil pelo Ponto IV, o IBAD e o IPES". Ao abordar os problemas específicos do ensino pronunciou-se contra a lei de Diretrizes e Bases, condena a "ganância dos donos de estabelecimentos de ensino particulares" e afirma a posição dos estudantes de combate às subvenções do governo às escolas privadas.

## PETROBRAS

O I Seminário de Estudos do Brasil Central aprovou também uma resolução denunciando a atuação de Inspetores e financiadores da campanha anticonstitucional promovida contra Petrobras e contra a pessoa de seu presidente, professor Francisco Mangabeta.

O Ademar de Barros — cidadão que vocês devem conhecer, ao menos de reputação — aproveitou um almoço que alguns "puxas" lhe ofereceram, sábado, passado, por motivo da sua eleição para o governo de São Paulo, e deixou falado. Para variar, disse bobagem. Alá, o Ademar falando e dizendo bobagem é uma só e a mesma coisa, de modo que eu peço desculpas aos leitores pela redundância.

Mas, voltando à vaca fria, isto é, Ademar, disse eu que o Ademar falou. E que disse ele? Fes duas afirmações, de que o mal do Brasil não tem nada a ver com regimes; está na falta de homens devidamente capacitados. Para mim, pessoalmente, este pensamento não constitui novidade; acostumei-me a ouvi-lo desde garoto, da boca de um velho tia solitário, que o enunciava em tom de ressentimento. Só que, dita pela mãozinha da velha, a expressão "homens devidamente capacitados" significava concretamente "homens dispostos a casar comigo", ao passo que, para o Ademar, não sei de maneira bastante nítida o que quer dizer a tal falta de homens.

A segunda afirmação do recém-eleito governador de São Paulo foi a de que, logo no início da sua vida política, houve aquilo que chama de "a filosofia do trabalho". Trata-se, por conseguinte, de um novo filósofo, que deverá ser incluído durante os manuais de filosofia, ao lado de Montaigne e Schopenhauer. Com efeito, da mesma forma que Montaigne, Ademar come muito; e, à semelhança de Schopenhauer, gosta muito de animais (talvez, por isso costume cercar-se deles).

Dirão, talvez, que Ademar não podia criar uma filosofia do trabalho, de vez que nunca trabalhou na vida. O argumento não procede. É preciso levar em conta a situação de forçado da lei em que Ademar tem passado durante dos seus dias; perseguido pela polícia, pouco tempo observava para a prática do trabalho. Além disso, cumpre observar que o Ademar não se apresenta como o pai de uma "filosofia do trabalho" e sim de uma "filosofia do trabalho", na qual o problema de como trabalhar-se perfeitamente ser posto em termos de generalização participativa por parte dos patrões.

Perguntarão os desconfiados, possivelmente, se o Ademar tem alguma base de conhecimento para falar sobre o trabalho. Posso responder-lhes que tem. Na verdade, o trabalho não é como o Carlos Lacerda, sujeito que odeia o trabalho e tal vigor que, um dia, entrando num restaurante e ouvindo o garçon gritar "serviço pra mim!" saiu correndo pela porta afóra. Estou seguramente informado de que o Ademar é muito diferente. Ademar ama o trabalho: é até capaz de passar horas a fio a contemp-

# MARXISMO E CRISTIANISMO

Claude Tresmontant

"Marxismo e Cristianismo" é o título de um artigo de autoria do escritor francês Claude Tresmontant, doutor em letras pela Sorbonne, professor de Filosofia e membro do Centro Nacional de Pesquisa Científica, autor de várias obras de caráter religioso. O texto completo de seu artigo foi publicado entre nós pela revista "Síntese" (n.º 14), órgão oficial do Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Escola Superior de Administração de Negócios da Agle Social (São Paulo). Reproduzimos aqui parte do artigo de Tresmontant como católicas em um novo estado de espírito entre círculos católicos em relação ao Marxismo e, portanto, ao socialismo. Por mais restrições que possamos fazer ao trabalho de Claude Tresmontant, — e os temos, várias — ele traduz a disposição crescente em certos meios católicos em favor de uma colaboração estreita com os marxistas no terreno das lutas políticas e sociais, o que, em vários países católicos, inclusive no Brasil, vai se tornando uma realidade.

"Vamos agora examinar outro aspecto do marxismo, o que poderíamos chamar de humanismo marxista a sua ética. O homem Karl Marx é, sob certos aspectos, admirável. Em vez de viver tranquilamente como professor numa universidade alemã, com todas as honras, bem alimentado e bem pago, preferiu ocupar-se do proletariado oprimido na Alemanha, França, Bélgica, Inglaterra, enfim, no mundo inteiro. Em 1840, na Europa, a exploração, a opressão do proletariado pelas classes possesoras era crível a um ponto que excede nossa capacidade de imaginação. A exploração de homens, mulheres, crianças, o trabalho de dia e de noite, as condições de vida, constituíram um quadro que pouco se diferenciava daquele que apresentava a escravidão na antiguidade de pagã.

Ora, na Europa eram classes sociais que se diziam cristãs que cometiam, calma e industrialmente, este crime contra a humanidade. O marxismo resolveu ocupar-se desta humanidade oprimida, esmagada por condições de trabalho e de vida desumanas. Como MOISÉS foi socorrer os hebreus oprimidos pela mão do faraó do Egito, MARX empenhou-se em libertar o cativo do capitalismo e proletariado oprimido.

Quem, entre os cristãos do século passado, viu tão claramente a extensão e a natureza do crime cometido contra o homem pelas nações e classes sociais ditadas cristãs? Quem, entre os cristãos do século passado, se empenhou em pôr fim a este crime, em libertar os milhões oprimidos, explorados, aviltados, desumanizados?

Procurando muito, encontraremos alguns que podem ser contados nos dedos da mão. MARX, judeu, ateu, foi quem veio socorrer esta humanidade esmagada, explorada, oprimida, aviltada por um sistema econômico desumano. Por isso, o cristão deve saudar em MARX um dos grandes tipos, um dos mais admiráveis exemplos da humanidade. E o cristão deve meditar que, de fato, os primeiros a denunciarem este crime cometido por uma sociedade dita cristã contra homens, mulheres, crianças, deviam ter sido eles, os próprios cristãos.

Mas, esta lição nos foi dada por MARX, para a nossa vergonha.

Se MARX, e posteriormente o movimento revolucionário marxista, é ateu, é em parte porque MARX encontrou do lado dos operários sociedades que se diziam cristãs e religiosas e que se utilizavam do cristianismo como uma arma, um alibi, um ópio para manter essa ordem injusta e criminosa e para preservar seus privilégios, pregando aos pobres a resignação. Enquanto os maridos exploravam os operários e acumulavam fortunas, as mulheres dedicavam-se às obras de caridade e davam esmolas aos que tinham reduzido à miséria pelos maridos. O clero naquele tempo, como agora, não denunciou com bastante vigor a impositura dessa situação e a farsa a que ficou reduzido o cristianismo.

O cristianismo é pela paz, mas não é menos pela justiça. E as sociedades que oprimem e exploram são as menos indicadas para condenar os movimentos revolucionários que usam de uma violência transitória enquanto duram as mesmas instituições para a realização de um regime de violência permanente, pelas condições criminosas da vida e de trabalho que mantêm à custa do exército e da polícia.

É preciso salientar que países e classes sociais ditadas cristãs se utilizavam de tal modo do cristianismo que, hoje em dia, nações inteiras não sabem mais o que é o cristianismo. Este foi desonrado, desfigurado, mascarado. E para todos os indianos, africanos, chineses, massacrados, torturados, escravizados, humilhados, explorados, nos olhos de todos os proletários e subproletários do mundo, a máscara que foi imposta ao cristianismo é a marca da violência, da impostura, do dinheiro, da aliança entre o dinheiro e o banco. Como dizia o Pe. HOUANG, foi o Ocidente que pregou o Evangelho, mas foi o Oriente que carregou a cruz. São incontáveis os crimes praticados pelas nações e sociedades ditadas cristãs. O nome de DEUS foi desonrado entre as nações. Portanto, não há nada de extraordinário que os povos se afastem do DEUS que os cristãos lhes pregaram, enquanto cometiam todos esses crimes. São

os cristãos os principais culpados e responsáveis pelo ateísmo marxista, porque os cristãos desonraram o nome de DEUS pelos seus crimes. Enquanto os cristãos ignoram este fato fundamental, não haverá trégua nem solução para a oposição entre o mundo marxista, ateu, e o cristianismo.

A cristandade deve primeiro confessar humildemente seus pecados, seus crimes; depois, arrependida de seus atos, procurar a sinceridade de seu arrependimento, nunca mais os cometer, de construindo uma ordem humana justa e fraterna. Só depois os cristãos poderão recriminar os marxistas por serem ateus, se é que então ainda existirem marxistas ateus. Por que a conversão dos cristãos ao cristianismo, como a conversão de Israel ao seu DEUS, não coincidirá de perto com a ressurreição final?

O cristão não é obrigado a confessar pecados dos outros, mas é obrigado a confessar os próprios. Os cristãos não são obrigados a acusar o marxismo e os marxistas, mas antes obrigados a examinar como foi possível que o marxismo tenha chegado a considerar o cristianismo como uma potência de opressão.

Entretanto, continua justa e necessária a preocupação de analisar as diferenças fundamentais que existem entre o humanismo marxista e o humanismo cristão. O humanismo marxista é milenarista. Crê em um reino de justiça, em um reino messiânico que deve realizar-se neste mundo. Considera a humanidade libertada das alienações econômicas como a plenitude, o plenário da história humana, como sua fase final.

Para o cristão, a criação presente prepara uma criação nova que é propriamente sobrenatural. Segundo o cristianismo, o homem é chamado a um destino sobrenatural, que é a participação na própria vida de DEUS. Vê-se que as duas perspectivas não se situam sobre o mesmo plano, nem são da mesma ordem. O cristão pode compartilhar com o marxista a esperança humana que a este anima, mas, o marxista não compartilha da esperança sobrenatural dos cristãos, que é o ponto de convergência de todo cristianismo. É possível fazer juntos um trecho da jornada, a jornada, da construção temporal, sob a condição de que, na escolha dos meios, o marxista e o cristão possam chegar a um entendimento. Mas o cristão não pode deixar de considerar como uma mutilação esta redução do homem a um estado de pura natureza, qual a professada pelo marxismo, uma vez que, segundo o cristianismo, o homem é essencialmente um ser capaz de DEUS, um ser divinizado e portador de um destino sobrenatural.

Estas observações preliminares permitem-me agora examinar as questões formuladas no início deste artigo.

Sim, os cristãos têm algo a aprender do marxismo, do ateísmo dos marxistas, dos comunistas e dos socialistas.

Devem aprender deles muitas vezes virtudes humanas, valores humanos de razão e de justiça que jamais deveriam ter deixado perder-se, mas que, de fato e frequentemente, eles, os cristãos, como as sociedades e nações chamadas cristãs, abandonaram e perderam. Os não-cristãos podem ensinar aos cristãos muitas lições de virtude, de razão, de justiça sobre valores humanos do trabalho e da fraternidade. Nem há razão para um católico escandalizar-se com isso porque, do ponto-de-vista da teologia católica, as verdades da justiça são acessíveis a povos não judeus e não-cristãos, fora do povo de DEUS e da economia da revelação. E o que SÃO PAULO expôs no início da epístola aos Romanos. Os pagãos podem trazer ao cristão, ou levá-lo a recuperar, verdades que deixou a perder ou que não soube descobrir primeiro. O marxismo levou os cristãos a redescobrir os valores humanos essenciais que as sociedades e nações chamadas cristãs e, às vezes, mesmo o ensino cristão, haviam negligenciado. Tais valores são: o sentido do trabalho humano, em particular do trabalho manual; o sentido da justiça e da coletividade. Não de raro os cristãos se contentaram com uma moral na qual o pecado individual ocupava todo o campo da consciência. Confessam um pecado de gulodice ou de sensualidade, mas toleram sem remorsos, massacres, genocídios, a opressão do homem pelo homem, a injustiça industrial, as favelas, as guerras nacionalistas. O cristão também deve aprender do marxismo o sentido e o valor da realidade material, física. Por vezes, em muitas consciências cristãs, o cristianismo se reduziu a vago platonismo. O marxismo, por sua violenta reação contra o idealismo, traz um contraposto útil; de fato, os cristãos, o pensamento cristão, o socialismo e a ação política cristã já aproveitaram muito do marxismo e dos marxistas.

Vê-se, assim, como de certo modo, se osuamos dizer-lhe, DEUS procede de maneira dialética. Quando a humanidade perde valores humanos e cristãos fundamentais. Ele suscita contra o cristianismo adversários que militam em nome desses mesmos valores perdidos ou negligenciados e anuncia de novo ao mundo, e aos cristãos em particular, verdades parcelas perdidas da verdade e da justiça.

O que é inadmissível é uma concepção dualista e maniqueísta nas relações entre cristianismo e marxismo. O mundo marxista não coincide totalmente com o reino das trevas, com o reino de satã. O marxismo não é total e inteiramente perverso. Nem tudo nele é falso. Por outro lado, o mundo do cristão, o Ocidente,

de não coincide com o reino da luz. Não é ainda a civilização cristã. As nações que se dizem cristãs admitem ainda o regime de escravidão industrial, o racismo, a exploração do homem pelo homem, as guerras nacionalistas, os massacres e a tortura. As relações entre cristianismo e marxismo são mais complexas do que pretendem os seguidores de uma anticomunista. Os cristãos têm muito que aprender e muito que receber. No plano dos valores humanos, dos revolucionários marxistas, da revolução marxista, do mundo comunista.

Isto não significa, inversamente, que tudo seja luz nos arraiais comunistas. Destacamos as divergências fundamentais no plano filosófico e humano entre cristianismo e marxismo. O discernimento dessas divergências nos deve preservar de um progressismo simplista. Os cristãos têm muito que receber do marxismo, mas esses têm mais ainda que receber do cristianismo, o qual, em princípio, deve ser comunicado pelos cristãos aos seus irmãos marxistas.

Em qualquer hipótese, a guerra entre os dois campos não é uma solução cristã, mas uma solução pagã. O anticomunismo sistemático é fanático e o mais das vezes o alibi, o e o pretexto que mascara interesses mais sórdidos. Pretende-se defender a "civilização cristã" pela metralhadora e a bomba. Na realidade, defendem-se interesses muito particulares. O cristianismo e o reino de DEUS não se defendem pela espada e metralhadora e a bomba atômica, mas pela justiça, a verdade, a caridade fraterna, a inteligência e a paz. É historicamente comprovável que, em certas exigências marxistas, em certos valores, profundos pelo marxismo, revivam alguns valores evangélicos. Isto porque, em primeiro lugar, MARX vivia numa civilização penetrada de judaísmo e cristianismo e, porque, querendo ou não, os homens são impregnados destes valores trazidos pelo cristianismo mesmo quando não os põem em prática. Além disso, como já o notamos acima, os valores de justiça e de fraternidade humana são acessíveis pela razão a todo homem, mesmo aqueles que se encontram fora da revelação e da adesão ao judaísmo e cristianismo. Enfim, não está excluído que DEUS comunique seu Espírito a homens que, em princípio, estão fora da economia cristã. O Logos divino trabalha todo homem que vem a este mundo, seja ele cristão ou não. O Espírito de DEUS sopra onde Ele quer. Um pagão pode muito bem dar a cristãos lições de caridade, pela sua vida e seu pensamento. A vida de MARX, toda consagrada à libertação do proletariado, a vida de MARX, que conheceu anos de miséria intensa, na qual perdeu três filhos, é mais rica em caridade autenticamente vivida que a vida de muitos cristãos. MARX e sua família viveram a pobreza em

condições atroz. Toda a sua vida lutou por aquilo que pensava ser a justiça e a libertação do homem. Devemos imitar-nos profundamente diante desse homem ateu e generoso.

Certamente a fidelidade ao cristianismo obriga o cristão a uma luta encarnada contra a exploração do homem pelo homem, contra os sistemas econômicos injustos, inumanos e desumanizantes, contra todas as formas de desumanização. Não pode legitimamente concentrar-se na busca egoísta da perfeição individual, a qual só se pode realizar através de uma luta pela instauração da justiça e da paz sobre a terra. Não se pode desinteressar pela vida política, e nem toda política é competitiva com o cristianismo. Qualquer política que conduza a desumanizar o homem, em qualquer ponto da terra, ao empobrecimento, à opressão, à exploração e a fortiori, ao massacre, é incompatível com o cristianismo. Quando os cristãos fizerem uma política cristã, os revolucionários já não terão razão de ser anticristãos. Os cristãos devem renunciar a um platonismo que faz da religião uma evasão a todas as injustiças neste mundo, um alibi para os exploradores e opressores. Os cristãos devem estar presentes na primeira fila na luta pela justiça social, política e econômica, na luta contra o racismo, na luta a ideológica que faz da nação uma divindade. Todo cristão deve ter um largo sentido universal. A humanidade é uma. As raças não são espécies diversas, mas variações superficiais da mesma espécie humana. A nação é uma realidade provisória, por vezes útil e legítima, mas não é um absoluto. Também, ela está sujeita às exigências da justiça.

## CURSO DE FÉRIAS NO ISEB

Estão abertas, na Secretaria do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), à Rua das Palmeiras, n.º 55, Botafogo, as inscrições para o curso de férias que se iniciou no dia 14 do corrente. O referido curso constará de 29 aulas — seguidas de debates — sobre temas de Filosofia, Sociologia, Ciência Política e Política Internacional, Economia Política e Formação Histórico-Social do Brasil.

As aulas começarão às 20.30 horas, de segunda à sexta-feira, sendo às matriculas isentas de qualquer despesa.

Será fornecido Um Certificado aos matriculados que comparecerem a 20 aulas, no mínimo.

Demais informações na sede do Instituto ou pelos telefones: 26-2197 e 26-5829, diariamente, das 10 às 17 horas. Não haverá exigência especial para o curso.

## Temas Típicos

Pedro Severino

## DECLARAÇÃO DE BELO HORIZONTE

O Ademar de Barros — cidadão que vocês devem conhecer, ao menos de reputação — aproveitou um almoço que alguns "puxas" lhe ofereceram, sábado, passado, por motivo da sua eleição para o governo de São Paulo, e deixou falado. Para variar, disse bobagem. Alá, o Ademar falando e dizendo bobagem é uma só e a mesma coisa, de modo que eu peço desculpas aos leitores pela redundância.

Mas, voltando à vaca fria, isto é, Ademar, disse eu que o Ademar falou. E que disse ele? Fes duas afirmações, de que o mal do Brasil não tem nada a ver com regimes; está na falta de homens devidamente capacitados. Para mim, pessoalmente, este pensamento não constitui novidade; acostumei-me a ouvi-lo desde garoto, da boca de um velho tia solitário, que o enunciava em tom de ressentimento. Só que, dita pela mãozinha da velha, a expressão "homens devidamente capacitados" significava concretamente "homens dispostos a casar comigo", ao passo que, para o Ademar, não sei de maneira bastante nítida o que quer dizer a tal falta de homens.

A segunda afirmação do recém-eleito governador de São Paulo foi a de que, logo no início da sua vida política, houve aquilo que chama de "a filosofia do trabalho". Trata-se, por conseguinte, de um novo filósofo, que deverá ser incluído durante os manuais de filosofia, ao lado de Montaigne e Schopenhauer. Com efeito, da mesma forma que Montaigne, Ademar come muito; e, à semelhança de Schopenhauer, gosta muito de animais (talvez, por isso costume cercar-se deles).

Dirão, talvez, que Ademar não podia criar uma filosofia do trabalho, de vez que nunca trabalhou na vida. O argumento não procede. É preciso levar em conta a situação de forçado da lei em que Ademar tem passado durante dos seus dias; perseguido pela polícia, pouco tempo observava para a prática do trabalho. Além disso, cumpre observar que o Ademar não se apresenta como o pai de uma "filosofia do trabalho" e sim de uma "filosofia do trabalho", na qual o problema de como trabalhar-se perfeitamente ser posto em termos de generalização participativa por parte dos patrões.

Perguntarão os desconfiados, possivelmente, se o Ademar tem alguma base de conhecimento para falar sobre o trabalho. Posso responder-lhes que tem. Na verdade, o trabalho não é como o Carlos Lacerda, sujeito que odeia o trabalho e tal vigor que, um dia, entrando num restaurante e ouvindo o garçon gritar "serviço pra mim!" saiu correndo pela porta afóra. Estou seguramente informado de que o Ademar é muito diferente. Ademar ama o trabalho: é até capaz de passar horas a fio a contemp-

# Congresso de Camponeses Gaúchos Aponta o Caminho: Reforma Agrária

Como se sabe, em janeiro de 1963 os primeiros "acampanamentos" de lavradores e trabalhadores agrícolas do Rio Grande do Sul repercutiram por todo o Brasil. Uma poderosa demonstração de energia e vitalidade do campesinato do Rio Grande do Sul, disposto a levantar-se para a luta pela reforma agrária. Nos últimos dias do ano, os camponeses gaúchos coronaram esta primeira fase de seu movimento contra o latifúndio, reunindo-se no I Congresso Gaúcho de Agricultores, Sem-Terra, Pequenos e Médios Proprietários (MASTER), em Porto Alegre, prolongando-se de 15 a 17 de dezembro. Dele participaram mais de 100 representantes das diferentes organizações que constituem o MASTER. O Congresso serviu para fortalecer o movimento camponês no Rio G. do Sul e traçar novas metas para a conquista da reforma agrária. Desde a sua inauguração, até o encerramento, predominou o sentido da unidade, indispensável para a vitória nas lutas que se avizinhavam — o que bem testemunha o amadurecimento das Associações camponesas espalhadas pelo Estado e o bom trabalho que o MASTER vem desempenhando, ao despertar das massas oprimidas do campo.

to político ocorrido no Rio Grande do Sul, organizações camponesas de vários Estados enviaram delegados fraternais, e a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) o seu próprio presidente, Lindolfo Silva.

## RESOLUÇÕES

Num ambiente democrático, em que as divergências surgidas contribuíram para que o resultado do congresso fosse o melhor, os delegados discutiram e aprovaram uma Carta de Princípios, os Estatutos do MASTER e, por último, elegeram uma nova diretoria para a entidade estadual. A Carta de reivindicações sintetiza as aspirações dos camponeses na atual conjuntura política e dá indicações sobre como atingir a Reforma Agrária Radical, que acabe com a propriedade latifundiária. Os novos Estatutos garantem o funcionamento mais perfeito do MASTER, permitindo-lhe desincumbir-se melhor da tarefa de mobilizar as massas camponesas e orientá-las na luta pela posse da terra. O mesmo se pode dizer da nova diretoria, a cuja frente foi mantido o sr. Milton Serres Rodrigues.

com a propriedade latifundiária. Para alcançar a Reforma Agrária Radical é indispensável, entre outras coisas: a) Estabelecer um limite máximo para a área da propriedade territorial; b) Regularizar a venda, doação ou concessão em usufruto das terras desapropriadas dos latifundiários, levando em conta que em nenhum caso poderão ser feitas concessões cuja área seja superior a 500 hectares, nem inferior ao mínimo vital às necessidades da pequena economia camponesa; c) Eliminar, no artigo 141, parágrafo 18, da Constituição Federal, a exigência da "prévia indenização em dinheiro", para as desapropriações por interesse social, a fim de que a indenização a ser paga pelas terras desapropriadas seja feita com títulos resgatáveis a longo prazo; d) Desapropriar — para a criação de núcleos de agricultores — preliminarmente as áreas marginais das principais vias de transporte (ferrovias, rodovias federais e estaduais, etc.); e) Como aquelas situações nas proximidades dos centros de consumo ou beneficiadas por obras públicas; e) Pagar pelo imediato cumprimento dos dispositivos constitucionais do artigo 174 da Constituição do Estado, e, no âmbito nacional, em colaboração com as entidades de outros Estados, lutar pelo mais urgente desdobramento em leis ordinárias de todos os princípios da Constituição Federal que recomendem a organização da sociedade brasileira sob a inspiração do bem-estar social, com igual oportunidade para todos e condicionado o uso da propriedade ao interesse coletivo; f) Encaminhar a solução do problema do minifúndio, contemplando o agricultor proprietário de área insuficiente para retirar o sustento de sua família, com a concessão ao mesmo de uma

área adequada; e fazendo com que os milhares de pequenos e médios proprietários aceitem o caminho de se organizar: em cooperativas agrícolas de produção. Somente uma Reforma Agrária empreendida nos moldes acima poderá resolver o problema da terra em nosso Estado e os problemas do homem que a trabalha. A Reforma Agrária será um largo passo na solução da carestia da vida, proporcionando gêneros alimentícios abundantes e baratos aos trabalhadores das cidades. A Reforma Agrária assegurará ainda uma quantidade cada vez maior e por melhores preços de matérias-primas para a indústria e ampliará a massa dos consumidores de produtos manufaturados. Os camponeses devem fazer da luta pela vitória da Reforma Agrária o objetivo principal de seu esforço organizativo e de ação.

II — Entretanto, devem os camponeses lutar, ao mesmo tempo, por uma série de reivindicações parciais e imediatas, que podem ser mais rapidamente alcançadas, como as que abaixo enumeramos: 1) Estabelecimento de preços mínimos justos para os produtos da terra; 2) Eficaz assistência social e que já têm direito por os camponeses, e sua ampliação; 3) União das populações rurais em torno de suas reivindicações; 4) Crédito rural simplificado no agricultor pequeno e médio e às suas cooperativas; 5) Legalização dos títulos de propriedade dos ocupantes de terras, que nelas trabalham; 6) Direito de voto aos analfabetos, inclusive agricultores; 7) Investigação da legalidade da posse das áreas ocupadas pelos latifundiários, e uma vez comprovada a posse ilegal, desapropriação da área e sua distribuição aos agricultores sem terra e com pouca terra; 8) Apoio

e ajuda à criação de sindicatos rurais e incentivo à sindicalização dos trabalhadores rurais; 9) Apoio e respeito aos direitos dos assalariados rurais; 10) Incentivo ao cooperativismo entre os agricultores e promoção de intercâmbio direto das cooperativas de produção dos agricultores com as cooperativas de consumo dos operários; 11) Fundação e registro de novas Associações de Agricultores Sem-Terra, Pequenos e Médios Proprietários Rurais nos lugares onde não haja tais associações e estímulo ao ingresso nas mesmas; 12) Fomento do tipo de organização que, em nosso Estado, tem-se revelado o mais adequado para a luta dos camponeses por uma Reforma Agrária Radical e por suas reivindicações imediatas e parciais; 13) Filiação de todos as Associações no seu órgão dirigente estadual — o MASTER; 13) O imposto territorial rural deve, em todos os municípios gaúchos, ser progressivo, através de uma legislação que estabeleça: a) forte aumento de sua incidência sobre a grande propriedade agrícola; b) isenção fiscal para a pequena propriedade rural; 14) Proibição da entrega de terras públicas para fins especulativos; 15) Luta por uma lei que regule os contratos de arrendamento e parceria, sobre bases novas: a) estabelecendo um máximo anual de 20 por cento da produção como pagamento da parceria ao proprietário; b) assegurando ao arrendatário indenização por benfeitorias realizadas; c) estabelecendo um prazo mínimo de arrendamento adequado ao tipo de produção a que se destinar a terra e um preço máximo anual de 10 por cento sobre o valor fiscal da propriedade para o pagamento em dinheiro.

III — O MASTER apóia a luta do povo brasileiro pela emancipação nacional, não se considerando integrado, e nesse sentido, apóia a Declaração de Góllnia e a Declaração de Princípios do Encontro de Libertação Nacional. O MASTER luta para ser ouvido sempre que os órgãos governamentais encarregados do problema agrário tratarem de questões do interesse dos camponeses. O MASTER propugna intransigentemente pela unidade nacional do movimento camponês. O MASTER reafirma o seu apóio à Carta de Princípios do Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte em novembro de 1961.

luta do povo brasileiro pela emancipação nacional, não se considerando integrado, e nesse sentido, apóia a Declaração de Góllnia e a Declaração de Princípios do Encontro de Libertação Nacional. O MASTER luta para ser ouvido sempre que os órgãos governamentais encarregados do problema agrário tratarem de questões do interesse dos camponeses. O MASTER propugna intransigentemente pela unidade nacional do movimento camponês. O MASTER reafirma o seu apóio à Carta de Princípios do Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte em novembro de 1961.

## A NOVA DIRETORIA

Por 55 votos contra 16 (chapa B) foi eleita a seguinte diretoria para o MASTER:

Presidente — Milton Serres Rodrigues (Encruzilhada); 1.º Vice-presidente — Rosauro Chalar de Souza (Uruguaiana); 2.º Vice-presidente — Romeu Barleze (Carazinho); Secretário-Geral — Euzébio França Filho (Fórti Alegre); 1.º Secretário — Ary Saldanha (Livramento); 2.º Secretário — Nascimento Meirelles (Entre-Ijuis); Tesoureiro Geral — Rodolfo Moeller (São Leopoldo); 1.º Tesoureiro — Darcy Rosa (São Lourenço); 2.º Tesoureiro — Jesus Severo Vieira (Pelotas).

## VISITA AO GOVERNADOR

Ao encerrar-se o congresso, a maioria dos congressistas teve no Recife o Sr. Ratinhi entrevistando-se com o governador Leonel Brizola, a quem fizeram entrega dos documentos aprovados. Brizola saudou o acerto das resoluções adotadas, concitando os camponeses a proseguírem em sua luta pela reforma agrária.

## SOLIDARIEDADE

Não faltou aos congressistas a solidariedade ativa dos trabalhadores urbanos, que não só colaboraram na organização do congresso, mas, inclusive, contribuíram financeiramente para que ele se realizasse. Como também não faltou o apoio da juventude estudantil, que fez sua bandeira da Reforma Agrária e, lado a lado com os camponeses e operários, luta pela extinção do latifúndio. Prestigiando o importante acontecimen-

## CARTA DE REINDICAÇÕES

Eis, na íntegra a Carta de Reivindicações dos agricultores e trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul:

I — "A solução dos angustiantes problemas que esmagam a vida dos camponeses gaúchos só será alcançada com a vitória de sua crescente luta por uma Reforma Agrária Radical. Essa Reforma Agrária deve ser caracterizada por dar terra aos camponeses e acabar

## MANDAGUARI: MONATO DE TRABALHADORES DO CAMPO

MANDAGUARI. (Do correspondente) — Foi eleito no dia 30 de dezembro de 1962 a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mandaguari, Estado do Paraná. As eleições despertaram grande interesse entre os camponeses e muitos moravam a distância de mais de 30 quilômetros e apesar do tempo chuvoso vieram a pé só para votar. Foram 154 sócios e elegeram 127. Foi a seguinte a chapa eleita:

Antônio Mendonça Conde, Antônio Daniel Soares e João Conde.

SUPLENTE: João Santa Fostá Maia, Antônio Raimundo de Souza e João Batista Pedrosa.

## Itercília Mendes

Faleceu, no dia 10 último, a companheira Itercília Mendes, que, com o saudoso líder ferroviário José Mendes, seu companheiro, militou no Partido Comunista desde a época de sua fundação. Tanto no centro ferroviário de Cruzeiro, no Estado de São Paulo, como na Guanabara, Itercília Mendes, enquanto as condições de saúde lhe permitiam, se destacou pela fidelidade com que serviu à causa da classe operária.

# O IBAD Tentou Asfixiar o Senador José Ermírio

## Alberto Campello

**NOVAS CONVOCAÇÕES**

A única arma que o governador Cid Sampaio possui para contar para ver se ganhava as eleições, era o dinheiro. Aproveitando-se da

## NOVOS DIRIGENTES SINDICAIS: NOVA LIMA

**BELO HORIZONTE** — (Da sucursal) — Os trabalhadores de Nova Lima alcançaram outra grande vitória com a eleição da chapa liderada pelo sindicalista José Alexandre, para dirigir a partir do próximo ano o Sindicato dos Mineiros.

José Alexandre já foi presidente do sindicato, tendo ocasião de liderar uma das maiores greves já realizadas na cidade. Ocupou depois a presidência da Federação dos Mineiros, e tendo sempre uma conduta digna de elogios da classe trabalhadora.

Para a posse da nova diretoria eleita os operários de Nova Lima estão preparando uma grande solenidade.

miséria do povo, que a esta altura dos acontecimentos passava fome de fato, pensou que, derramando dinheiro, poderia conquistar os votos do povo, desviando os seus propósitos democráticos de renovação de poderes.

Pensando assim, o governador pernambuco, de logo, por intermédio do IBAD, fez vir para o Estado uma série de organizações estrangeiras reacionárias, que se propunham a amoldar o eleitorado através do suborno. Foi quando surgiram no Recife as denominadas Aliança para o Progresso, a Frente Parlamentar de Ação Democrática e uma série de outras organizações norte-americanas, além do MAC, que teve forte influência agitadora nesta cidade.

O dinheiro foi derramado a rúdo. Os jornais do Recife saíam diariamente, com páginas e mais páginas de publicidade, atacando os opositores. A maioria dos automóveis das praças do Recife foi contratado para o trabalho publicitário dos galegos, do governador Cid Sampaio, da Associação Comercial, da Cooperativa dos Usineiros e da Federação das Indústrias de Pernambuco.

## TENTATIVA DE ASFIXIA

Perto do fim da campanha, chegando ao Recife, um emissário do IBAD acombrou-se com a realidade política. A batalha estava em plena efervescência.

Tendo auscultado a opinião pública, o representante do IBAD sentiu que a população estava, de fato, propensa a sufragar nas urnas os nomes dos candidatos nacionalistas. Notou que estavam perdidos os elementos da denominada "direita", apesar de todo o dinheiro derramado. A esta altura dos acontecimentos, o QG da reação, comandado pelo governador Cid Sampaio, estava em desespero.

Vendo que em Pernambuco seria impossível prejudicar José Ermírio, o emissário do IBAD retornou ao sul do país. E lá começou uma campanha de asfixia ao velho capitão de indústria. Em São Paulo, conseguiu que a Aero Willys do Brasil cancelasse o seu contrato de compra do alumínio fabricado pela indústria do atual senador pernambuco; no Rio, através de processos os mais escabrosos e desleais, exigiu que as grandes organizações ban-

cárias estrangeiras suspendessem as suas transações comerciais com as suas indústrias. Enquanto isto, José Ermírio continuava no Recife, entregue de corpo e alma ao combate ao reacionarismo, batalhando em prol da eleição dos candidatos nacionalistas.

## OUTRAS TENTATIVAS

Por exigências dessas organizações estrangeiras reacionárias, uma fábrica de São Paulo, que monopolizava a compra total de uma fibra produzida por uma organização de José Ermírio para fabrico de tecidos, também suspendeu a negociação.

Impossibilitado de sair do Recife e dado o colapso nas vendas de suas organizações industriais do sul do país, o senador mais votado de Pernambuco viu-se tolhido do recebimento de qualquer remessa de numerário para prosseguimento da campanha. Mas não desanimou. Fez ouvidos de mercador às provocações do IBAD e continuou mantendo a campanha por intermédio dos saldos de suas empresas sediadas em Pernambuco.

A intenção do IBAD era a de que, sentindo-se asfixiado, o industrial José Ermírio abandonasse o Recife e a campanha política em que estava empenhado. Os seus planos foram frustrados. O caboclo nordestino, metido no seu charpeu de couro, não fugiu do terreno. Esperou, nervosamente, que as eleições se realizassem e, no dia do pleito, o povo soube desmascarar os farfantes, elegendo, como ele queria, os candidatos verdadeiramente nacionalistas.

## Antônio Maia

No dia 23 de novembro faleceu em Paranaguá, Sta. Catarina, o dirigente sindical estivador Antônio Maia. Era um dedicado militante do movimento comunista naquela cidade, no qual ingressou em 1945. Teve sempre destacada atuação nos meios sindicais e ao falecer era presidente do Sindicato dos Estivadores, cargo para o qual fora reeleito.

O falecido era irmão de Armando Maia, mestre de cabotagem e líder sindical marítimo, atualmente delegado do IAPM no Estado do Rio.

## 13º NEGADO

## PARA GREVE:

## MINAS

**BELO HORIZONTE** (Da sucursal) — O Comando Geral dos Trabalhadores de Minas Gerais, ouvindo o C.G.T., decidiu recomendar a todos os operários do Estado a entrarem em greve caso os patrões insistam em não pagar o 13.º mês.

Por outro lado alguns patrões estão protestando o pagamento por falta de verba, segundo alegam, de vez que o Banco do Brasil ainda não liberou o auxílio prometido pelo chefe do Governo. A esse respeito o sr. Anélio Marques, da Federação dos Mineiros, declarou que muitos patrões têm recursos suficientes para efetuar o pagamento, porém estão aguardando a verba do Governo, para que com ela dispensem em massa seus empregados, pagando as indenizações.

Apuramos, contudo, que o C.G.T. mineiro e a Comissão do IV Congresso já se movimentam visando garantir os trabalhadores em seus empregos.



SAO PAULO: SAPATEIROS DERROTARAM PELEGOS.

**SAO PAULO** (Da sucursal) — Foi empossada a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de São Paulo, encabeçada pelo conhecido líder daquela categoria, Hermelindo Brussole. A chapa vencedora foi a de número 2, tendo o resultado do pleito sindical se constituído em grande passo para o fim do domínio do pelego Darci Gato, na Federação dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário. Os antigos diretores do Sindicato, cujos recomendados sofreram esmagadora derrota, não queriam, invocando insustentáveis pretextos, dar posse à diretoria eleita. Sómente com a energética intervenção do delegado regional do Trabalho, dr. José de Loureiro Coimbra, e a solidariedade efetiva



MINÉRIOS, BRIZOLA E CHATEAUBRAND

Noraldino Souto, de Belo Horizonte, conta cenas dos dias atuais da capital mineira:

"O Brizola está aqui há poucos dias e como de costume a alta sociedade perdeu o sono. Falou para milhares de pessoas, na Secretaria de Saúde, na televisão e nas estações de rádio. No outro dia, cedo, procurei ver como sua pregação havia repercutido. Sai à rua e ouvi coisas assim:

— São tipos como esse que consertarão o Brasil!  
 — Com homens dessa qualidade, sim; e negócio val!  
 — Já estou cansado de trabalhar para os americanos. Vamos botar Brizola e outros do mesmo naipe lá em cima!  
 Um fato divertido muito a cidade recentemente: noticiou-se que em uma zona residencial suburbana deram a um jumento o nome do pasquenho Assis Chateaubrand. Muitas sugestões então foram feitas para o batismo de animais. Houve quem indicasse o nome de Eugênio Guadin para um burro, o de Augusto Frederico Schmidt para um rato, e assim por diante."

## POSSE AOS SARGENTOS ELEITOS

Trechos da carta aberta enviada ao Jornalista Pedro Dantas pela sra. Francy Costa, esposa de um sargento das nossas forças armadas, residente em Fortaleza, Ceará:

"Como esposa que sou de um sargento, venho acompanhando dia a dia, através da imprensa falada e escrita, a luta que suboficiais, subtenentes e sargentos do Brasil vem travando pelo reconhecimento de seus direitos (elegibilidade) assegurados pelos artigos 132 e 138 da Constituição. Por essa razão temei conhecimento do artigo "Não por sim, sim por não", de sua autoria, publicado na "Tribuna do Ceará" de 18 do corrente. Arvorando-se como infalível intérprete de nossa Carta Magna, V.S. arrogantemente diz que "basta saber ler para verificar que os sargentos são inelegíveis". Com essas palavras V.S. estigmatiza de analfabetos alguns Tribunais Regionais Eleitorais, vários e renomados juristas, ministros, senadores, deputados, etc. que opinaram favoravelmente à causa dos sargentos. Será que neste imenso Brasil só V.S. sabe ler? É uma pena. Ao invés de procurar argumentos convincentes para pregar a infeliz causa que abraça V.S. apenas lança o epíteto de "analfabetos" sobre os que ousam discordar de sua "douta opinião". Pretende-se com isso conduzir ao silêncio aqueles que não se sentem seguros de si?"

"Mas, admitamos a absurda hipótese de que, pela Constituição, fossem os sargentos inelegíveis. Ainda assim, consideraria eu muita petulância de sua parte considerar nulos o registro e o diploma dos sargentos eleitos, como também (passem) os votos que lhes foram dados. Em um trecho de sua malhada arenga, V.S. levanta a hipótese de que os sargentos candidatos tenham omitido, talvez por má-fé, a sua graduação, ao requererem registro. Isso não é verdade, porquanto nenhum deles se entregou na gloriosa classe a que pertence. Prova é que alguns TRs negaram-lhes registro, somente o concedendo através de uma liminar do Tribunal Superior Eleitoral. Sr. Pedro Dantas, refleta que o sargento no Brasil é um defensor de primeira linha de nossas instituições. É, atualmente, um homem instruído, consciente de seus direitos e deveres, que se vem afirmando através de tomadas de posições cada vez mais avançadas. Não curvará a cabeça frente aos arreganhos dos políticos inscrupulosos derrotados, nem diante das intrigas e torpezas escritas a sódo de interesses inconfessáveis. A unidade dos sargentos é firme de norte a sul e sabe a classe que a vitória lhe sorri. Nós, as esposas, estamos com eles e, em seus momentos de lazer, incentivamo-lhes a lutar para que não cedam em seus direitos."

"Os sargentos não pretendem nem devem recuar".  
 "Por que podem ser votados e eleitos os traficantes, os contrabandistas, os exploradores do povo, os jornalistas inscrupulosos etc., e aos sargentos, sentinelas avançadas da democracia e da nacionalidade, nega-se esse direito?"

## "A GREVE"

Sérgio Rodrigues, de São Paulo, capital, escreveu um poema sobre as greves operárias. Abaixo, alguns versos:

"Para uma greve ser feita é preciso se compor uma união tão perfeita que todo trabalhador sinta a cidade sujeita ao que ele tem de motor, demonstrando que a suspeita de ser ele o criador de toda a coisa que existe feita, tem seu exato valor. Na verdade com o gesto duro de não trabalhar há em si um manifesto desejo de libertar o trabalho desta sina de nunca se apropriar do que faz na oficina dia e noite sem parar. Na verdade ele deseja no ato de não trabalhar que o trabalho não lhe seja aquilo sempre a escapar para o patrão que o espreita e lhe toma a coisa feita, embora sem trabalhar.



O ENCONTRO NACIONAL DA MULHER TRABALHADORA

Cumprindo resolução do IV Encontro Sindical Nacional, o Pacto de Unidade Intersindical de São Paulo, vem realizando reuniões preparatórias do I Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora, que se realizará na capital paulista, no próximo mês de abril. Já foi eleita a Comissão Organizadora do conclave e estão prontos regimento interno e tórnio, do qual constam os seguintes pontos: a) aplicação efetiva das leis sociais e trabalhistas em defesa da mu-

lher; b) discussão do projeto de lei referente à jornada de 8 horas para a mulher; c) aposentadoria especial para a mulher trabalhadora; d) cumprimento da lei de proteção aos filhos da mulher que trabalha; e) problema geral. No último item será abordado o papel da mulher na sociedade e nas lutas sindicais. Na foto, parte das componentes da Comissão Organizadora durante a reunião realizada no dia 11 no Sindicato dos Bancários, de São Paulo.

# Mensagem de Kennedy: Palavras de Engôdo e Confissão de Falência

A mensagem dirigida pelo presidente John Kennedy ao Congresso norte-americano sobre o estado da União caracteriza-se pela sua linguagem que faz do caráter colonialista e belicista da política dos Estados Unidos e pelo recurso a mais desenfreada mistificação. A inútil política de Kennedy para o povo do mundo, inclusive o próprio povo norte-americano.

mantenha, pescado e outros produtos e artigos. Kennedy foge à verdade — o que, aliás, é uma característica inerente ao imperialismo, seus líderes e ideólogos. O imperialismo é um sistema montado sobre a mais torpe exploração de povos e nações, sobre a caça furiosa ao lucro para os monopólios, sobre a negação dos direitos e a corrida armamentista. Foge à verdade e mistifica, embora, como já foi assinalado, tenha, às ve-

zes, muito de passagem e a contra-gosto, que reconhecer certas coisas. Mas, ainda aí, surge a mistificação. Quando o fala em desempregados, em escassez de assistência social e em discriminação antidemocrática, tenta Kennedy apresentar essas coisas como se fossem fenômenos estranhos à estrutura capitalista e passíveis de correção através de seus projetos de lei e da boa vontade de senadores e deputados — que

só o são, precisamente, por contarem com a confiança dos trastes e do famigerado "lobismo" por eles criado e mantido. Mas Kennedy mistifica ainda, e com um cinismo sem nenhum limite, ao referir-se à presente situação internacional. Tem a destempeza de falar em "fronteiras da liberdade no Vietnã" e em Berlim Ocidental, quando todo o mundo sabe que enquanto no Vietnã e que há é uma agressão infame dos imperialistas contra um povo em luta pela liberdade e a independência nacional, em Berlim o que existe é o rearmamento dos monopólios alemães que ontem sustentaram Hitler e hoje, em nome do revanchismo, alimentam a histeria guerrilheira de Adenauer e dos antigos generais nazistas. A acreditar-se, porém, nas palavras de Kennedy, é o chefe do país que mantém sobre o mundo a man-

# "Paraiso Alemão": Força de Expressão

— E por que você não os acompanha? perguntou ao jovem operário de Leipzig que conheceu numa fábrica e cuja família tinha fugido para a Alemanha Ocidental alguns meses antes de ser fechada a fronteira. Meus dois irmãos mais velhos foram para o outro lado porque lá é mais fácil comprar um automóvel ou uma televisão. Seria formidável se aqui também fosse tão fácil comprar estas coisas. Entretanto, isto depende exclusivamente de nós mesmos e está certo de que dentro de algum tempo estaremos muito melhor do que aqui. Uma coisa que aqui não temos que subjugar nosso destino à vontade de generais aventureiros ou políticos reacionários e corrompidos, inclusive nos sindicatos e no Partido Social-Democrata. Mas ainda, as fábricas são nossas e não trabalhamos para aumentar os lucros do patrão, mas em nosso próprio benefício.

Do outro lado, entretanto, segundo a propaganda nazista espalhada por todo o mundo inclusive no Brasil, está o "paraiso da Alemanha Ocidental, paraíso recentemente descrito numa longa série de reportagens publicadas em "Última Hora" por João Etcheverry. Deixamos para outra oportunidade uma análise mais detalhada da situação existente na Alemanha e faremos aqui apenas algumas observações mais importantes sobre os problemas abordados por Etcheverry.

**O "EXODO"**  
Nos meados do ano passado o jornal conservador londrino "Manchester Guardian" publicou um estudo sério sobre as migrações internas na Alemanha nos últimos cem anos. Mostrava o jornal um fato que qualquer pessoa de bom senso percebe sem maiores dificuldades. Da mesma forma que no Brasil dezannos de milhares de nordestinos procuram todos os anos melhores condições de vida no sul do país, havia na Alemanha uma corrente contínua em busca do norte (Hamburgo, Bremen, Essen, etc.) e do oeste (Frankfurt, Dusseldorf, Dortmund, etc.). Esta corrente principalmente da antiga Alemanha Central, hoje República Democrática Alemã. Mostra ainda o jor-

nal conservador inglês que desde a Segunda Guerra Mundial esta fluxa populacional sofreu uma queda considerável e acelerada, muito antes mesmo de ser fechada a fronteira, em agosto de 1961.

Por que aconteceu isto? Simplesmente porque naquela região antes caracterizada por uma agricultura atrasada, praticamente não industrializada e absolutamente carente de matérias-primas, foi construído um parque industrial que é hoje o quinto da Europa e o sétimo do mundo. Partindo do nada, pois o pouco que havia tinha sido destruído ou totalmente destruído pela guerra, a República Democrática Alemã lidava hoje a indústria química e alguns setores da indústria mecânica mundial. Não contando com os recursos naturais abundantes de que dispõe a Alemanha Ocidental, nem contando com a chuva de dólares que o plano Marshall fez cair na Europa, especificamente na Alemanha Ocidental para defender e fortalecer o poder político e econômico dos monopólios contra as exigências democráticas do povo e a oposição da esquerda.

Do volume de produtos industriais oferecidos a cada cidadão na Alemanha Ocidental (nos produtos agrícolas fundamentais já superior).

**A PREVIDÊNCIA E A "CO-DIREÇÃO OPERÁRIA"**  
Mais ainda, este desenvolvimento econômico na República Democrática Alemã foi desde o início acompanhado de melhorias no nível de vida das massas. Enquanto isto, do outro lado, os operários da Alemanha Ocidental foram obrigados a trabalhar por um salário miserável, sem qualquer assistência social, para não morrerem de fome. É claro, entretanto, que o exemplo partindo da Alemanha Democrática, onde os trabalhadores estavam no poder, eram donos das fábricas e aplicavam uma política de proteção social e sanitária em benefício dos trabalhadores não podia

deixar de repercutir na Alemanha Ocidental em sua luta por melhores condições de vida e trabalho.

Viram-se assim os grandes monopólios obrigados a fazer grandes concessões às massas. Isto aliás, continuavam a experiência de Hitler no sentido de corromper as camadas dirigentes do operariado e atenuar a pressão popular. Isolaram, ao mesmo tempo, a parte revolucionária que se afezava a posições não mais adaptadas à nova realidade. Previdido pelas reivindicações operárias e pela existência de um campo socialista, que compreendia inclusive parte da Alemanha, o imperialismo adotou um sistema de exploração que incluiu uma certa melhoria nas condições de vida do povo, sem, pelo contrário, diminuir seus lucros.

Não se pense porém que isto signifique uma "dávila" concedida voluntariamente. Etcheverry revela inconscientemente quando diz que a participação dos operários nos conselhos de direção das empresas (concedida pela Constituição da Alemanha Ocidental diante da pressão operária e do exemplo "peritoso" da Alemanha Democrática) tenha levado ao desaparecimento das greves. Ainda no fim do ano passado quase um milhão de operários das indústrias metalúrgica e mecânica entraram em greve em defesa de seus salários ameaçados. E isto em dois ramos da indústria onde a participação nos conselhos de direção é mais forte, em vista mesmo do grau de organização da classe operária. Extremamente importantes foram também as greves de advertência realizadas em todos os ramos industriais mais importantes contra as tentativas de modificação da legislação sobre previdência social.

Observe-se, finalmente, que a participação dos trabalhadores nos conselhos de direção se prende apenas a questões salariais e de condições de trabalho. E mesmo aí sua influência é mínima, pois os "representantes" dos trabalhadores, corrompidos pelos gordíssimos ordenados e gratificações, terminam por defender os pontos de vista patronais.

**NAZISMO VELHO E NOVO**  
Etcheverry aborda o problema do nazismo em uma de suas reportagens para dizer que esse problema

deixar de repercutir na Alemanha Ocidental em sua luta por melhores condições de vida e trabalho.

Viram-se assim os grandes monopólios obrigados a fazer grandes concessões às massas. Isto aliás, continuavam a experiência de Hitler no sentido de corromper as camadas dirigentes do operariado e atenuar a pressão popular. Isolaram, ao mesmo tempo, a parte revolucionária que se afezava a posições não mais adaptadas à nova realidade. Previdido pelas reivindicações operárias e pela existência de um campo socialista, que compreendia inclusive parte da Alemanha, o imperialismo adotou um sistema de exploração que incluiu uma certa melhoria nas condições de vida do povo, sem, pelo contrário, diminuir seus lucros.

Não se pense porém que isto signifique uma "dávila" concedida voluntariamente. Etcheverry revela inconscientemente quando diz que a participação dos operários nos conselhos de direção das empresas (concedida pela Constituição da Alemanha Ocidental diante da pressão operária e do exemplo "peritoso" da Alemanha Democrática) tenha levado ao desaparecimento das greves. Ainda no fim do ano passado quase um milhão de operários das indústrias metalúrgica e mecânica entraram em greve em defesa de seus salários ameaçados. E isto em dois ramos da indústria onde a participação nos conselhos de direção é mais forte, em vista mesmo do grau de organização da classe operária. Extremamente importantes foram também as greves de advertência realizadas em todos os ramos industriais mais importantes contra as tentativas de modificação da legislação sobre previdência social.

Observe-se, finalmente, que a participação dos trabalhadores nos conselhos de direção se prende apenas a questões salariais e de condições de trabalho. E mesmo aí sua influência é mínima, pois os "representantes" dos trabalhadores, corrompidos pelos gordíssimos ordenados e gratificações, terminam por defender os pontos de vista patronais.

**NAZISMO VELHO E NOVO**  
Etcheverry aborda o problema do nazismo em uma de suas reportagens para dizer que esse problema



Confissões de Kennedy em sua mensagem ao Congresso, segundo a versão publicada em "Última Hora" de São Paulo de 15.1.1963.

— ... 32 milhões de concidadãos vivem de portas da miséria.

— "Nossa pátria não pode se dar ao luxo de ser materialmente rica e espiritualmente pobre..."

— ... de cada 10 estudantes no 5º ano, 4 nem sequer concluído e curso secundário. ... um milhão de jovens norte-americanos não frequentam escolas e permanecem sem oportunidades e, de vezes, sem preparo, nas ruas de nossas cidades."

— ... trabalhadores velhos e enfermos se vêem obrigados a depender da caridade pública.

— ... crescente escassez de médicos, dentistas e enfermeiros em toda a nação e grande escassez de casas de saúde e de modernos hospitais urbanos. Para aguentar apenas a atual média de médicos e dentistas, evitando que declinem ainda mais, durante os próximos dez anos, devemos aumentar a capacidade de nossas escolas de medicina em 50% e de nossas escolas de odontologia em 100%."

— ... o abandono dos enfermos e dos retardo mentais é fria moral das instituições públicas encarregadas de custodiá-los, muitos vivem isolados e distantes de suas famílias em desconhecidas condições."

— ... há cidadãos que por vezes se queixam de dor de sua pele têm os seus direitos políticos negados."

## PELA LIBERTAÇÃO DE PRESOS POLÍTICOS NO PARAGUAI

A Associação Brasileira de Solidariedade ao Povo do Paraguai, não tendo sido atendidos os emendamentos, realizados entre o governo paraguai e delegações do Uruguai e do Brasil, em prol da liberdade dos patriotas Antônio Maldana, Jélio Rojas, Ananias Maldana e demais presos políticos, em cárceres e torturados por lutarem pela democratização de sua pátria e liberdade de seu povo, enviou um novo manifesto de personalidades brasileiras demonstrando o seu repúdio pela arbitrariedade do ditador Alfredo Stroessner, que persiste em mantê-los presos. Entre outros assinaram o documento: General E. Sousa Mendes, Deputado Sérgio Magalhães, General Feliciano Cardoso, Deputado Paulo Alberto, General Arthur Carnatba, Deputado Sivalva Palmeira, General Sampson Sampaio, General Gonzaga Leite, Antônio Pereira Filho, Presidente do Sindicato dos Bancários, Professor Hélio Marques da Silva, Presidente do Sindicato dos Professores Humberto Pinheiro, Ilder Benício; Dr. Oeni Duarte Pereira, desembargador, Dr. Valério Konder, General

Também aqui, entretanto, a verdade vale muito mais do que o palavrado dos defensores do falso "mundo livre". Ainda está muito recente na memória dos povos a monstruosa provocação guerrilheira armada pelo Estados Unidos no Caribe: o criminoso bloqueio contra Cuba, as ostensivas violações de soberania do território cubano e as manobras militares para a tomada da ilha hercúlea. Todos se recordam também perfeitamente de que somente graças à valentia do povo cubano e à firmeza e sensates do governo revolucionário foi possível evitar o desencadear da terceira guerra mundial. No mesmo tempo em que se preservava Cuba e se asseguravam as suas independências conquistadas revolucionárias.

Kennedy não também com o maior cinismo se "ajuda" concidando pela República Ocidental os povos de países subdesenvolvidos, inclusive o Brasil, para que se tornem dependentes de suas mercadorias e produtos. Não se trata de um programa que ajude milhões de seres nas linhas de combate pela liberdade a alimentar-se, a alimentar-se e a vestir-se". Pensamos um pouco no que tem sido essa "ajuda" — e não há dúvida de que o mesmo acontece com todos os povos ainda esquecidos pelos tristes imperialistas norte-americanos. Na verdade, a "ajuda" que não é senão um instrumento de que se valiam, originalmente, os imperialistas para poder espalhar até às entranhas povos como o nosso. Num período de dez anos — dizem as próprias autoridades brasileiras — perdemos mais de 1 bilhão de dólares em virtude das relações de troca internacionais desvantajosas para o nosso País. Mais do que isso saiu de nossa terra para os Estados Unidos a título de remessas de lucros. E outro tanto saiu a forma de sub e supertributação e outros recursos clandestinos através dos quais são enviados para as matrizes do imperialismo o fruto do suor e de sangue de nossos trabalhadores. A verdade dolorosa e incontestável é que, ao invés de termos ajudado, não é que ajudamos, ano após ano, os multimilionários dos Estados Unidos. A contrapartida aí: o atraso do Brasil, a miséria e a ignorância da grande maioria de nosso povo.

Outra mistificação de Kennedy é a que se refere à suposta unidade da "aliança atlântica". Não precisamos nos alongar sobre isso. Os mesmos jornais que publicavam num lado a mensagem de Kennedy (como o "Estado de São Paulo" de terça-feira) no outro lado divulgavam telegramas de Paris informando que estavam a cada vez mais tensas as relações entre a França e os Estados Unidos. Assim como em Inglaterra. Dias antes, publicavam os mesmos jornais um farto noticiário sobre as contradições entre os Estados Unidos e a Inglaterra a propósito das aspirações do governo britânico a armar-se com apetrechos atômicos que os EUA se negam a fornecer-lhe.

A mensagem de Kennedy é, enfim, o que poderia ser um documento dessa natureza apresentado pelo governo do país líder do imperialismo, matriz da política de guerra e da reação mundial: um amonido de mentiras e mistificações e, no fundo, um reconhecimento da falência do sistema imperialista.

## Abertura do Congresso do PSUA

Iniciou-se a 15 de Janeiro, em Berlim, o VI Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha. É um dos grandes acontecimentos políticos da atualidade europeia e mundial, pois o Congresso se realizou num momento de excepcional importância internacional: quando pela primeira vez depois da guerra criaram-se condições para a solução positiva de alguns dos importantes problemas do nosso tempo, entre os quais o problema alemão ocupa um lugar primordial. O Congresso do PSUA não é, assim, um acontecimento restrito à vida dos partidos comunistas. É também uma importante tribuna para definições de caráter político em relação aos problemas pendentes.

Delegados de 80 partidos comunistas se encontram em Berlim para assistir aos trabalhos do 6º Congresso do Partido Socialista Unificado. A delegação do Partido Comunista da União Soviética é chefiada pelo seu primeiro secretário, Nikita Kruschov. Vladimir Gornik dirige a representação do Partido Operário Unificado da Polónia.

## DISCURSO DE KRUSCHIOV

Ao chegar à Alemanha, na véspera da instalação dos trabalhos do Congresso em trem especial procedente de Moscou, via Varsóvia, o primeiro-ministro Nikita Kruschov foi recebido pelos dirigentes do PSUA tendo à frente Walter Ulbricht, seu secretário geral. Ainda na estação ferroviária de Berlim, Kruschov, em resposta aos discursos de saudação com que foi recebido por seus camaradas alemães, proferiu palavras de otimismo sobre a situação internacional e o

## Abertura do Congresso do PSUA

futuro do movimento comunista mundial. Disse Kruschov: — Somos muito gratos por termos sido convidados a assistir ao vosso Congresso. Agradecemos comovidos a vossa recepção e congratulamo-nos de nos encontrarmos aqui e de poderemos retomar os contatos de amizade com nossos camaradas. Dirijo as saudações fraternais do Partido Comunista da União Soviética aos camaradas alemães e lhes asseguramos novos êxitos na construção do socialismo. As esperanças do mundo socialista quanto às relações entre a União Soviética e a República Democrática Alemã são vastas. O caminho que seguimos ambos é um caminho comum: trabalhamos de mãos dadas.

Referindo-se à luta de âmbito mundial entre o socialismo e o capitalismo, Kruschov disse: "Daremos vivas quando o capitalismo estiver enterrado. Mas o enterramento do capitalismo é tarefa da classe operária de cada país. Aplaudiu-o quando o fizor, porém não lutaremos para estabelecer a estrutura social do socialismo em nenhum país. Este é um assunto interno de cada um deles. Mas nossas simpatias e nosso apoio estarão ao lado dos que enterrarem o capitalismo". Dirigindo-se aos jornalistas da imprensa burguesa mundial presentes ao grande comício que se formou na estação ferroviária, Kruschov disse-lhes: — Os senhores esperam que a República Democrática Alemã desapareça. Nós esperamos que o capitalismo morra, pois nós venceremos. O homem socialista vencerá, cedo ou tarde, o velho capitalismo. Trabalhadores, operários, camponeses, intelectuais — esta são todos unidos. Entre

## Abertura do Congresso do PSUA

nos já não há exploração, e marchamos no sentido da história, uma história que nos conduz a uma única saída: o comunismo em todo o mundo.

Tratando a seguir da situação existente na Alemanha, onde, há 18 anos depois de fim da Segunda Guerra Mundial, ainda não se firmou o Tratado de Paz, disse Kruschov: — Há três anos, da última vez que estive em Berlim, havia uma fronteira cheia de buracos, pelos quais entravam quaisquer sujeitos. Agora não podem mais fazê-lo. É um triunfo? Sim, um triunfo da República Democrática Alemã.

O mundo ocidental acrescentou — ainda com grande empenho de suas relações com Adenauer, isto é, suas relações com o defunto. O rumo que o Ocidente escolheu leva à sepultura. Nós, gente realista, olhamos, pelo contrário, para a frente. Quem pode duvidar que venceremos? Quem deve morrer? — o que é mais velho física e moralmente. Nós, que somos jovens, possuímos o futuro.

Referindo-se aos perigos de uma guerra para os alemães, Kruschov afirmou que as potências ocidentais estão preparando a guerra e que, por causa dela, será novamente derramado o sangue alemão, e comentou: — Aos norte-americanos não bastam as 12 divisões que possuem na Alemanha Ocidental. Querem mais carne para canhão, e que seja alemã. Esperamos que compreendam isto justamente aqueles que estão diretamente interessados: os alemães ocidentais.

## Abertura do Congresso do PSUA

para o futuro e para a felicidade da Alemanha Democrática, da União Soviética e de todos os povos democráticos do mundo. Se os alemães e os soviéticos estão juntos, estejam certos, a vitória é nossa.

Os estudantes desta cidade estão organizando o seu Centro Popular de Cultura, com o apoio dos colegas de Niterói e da Guanabara. Já se iniciaram os ensaios, esperando-se que, em fevereiro próximo, esteja o grupo em condições de apresentar bons espetáculos ao público desta cidade e de outras regiões do norte fluminense.

**GPC EM CAMPOS: GRANDE ÊXITO**  
CAMPOS — (Do correspondente) — Tiveram grande repercussão os quatro espetáculos apresentados pelos integrantes do GPC da Faculdade Nacional de Filosofia, promovidos pelo Centro Acadêmico José do Patrocínio. As representações dos universitários cariocas foram realizadas no Sindicato dos Ferroviários, Madureira F. Clube, Automóvel Clube e na Praça São Salvador, sob calorosos aplausos do povo campista.

**DE CUBA PARA O BRASIL (ondas curtas)**  
Diariamente, entre 20,00 e 21,00 horas a Rádio Havana — Cuba transmite programação especial em português. Faixa de 19 metros, 15,340 ks.

**FOLHETOS**  
LEIAM:  
— Conferência dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários — Cr\$ 40,00  
— Programa e Estatutos do Partido Comunista Brasileiro — Cr\$ 15,00  
— Resolução dos Comunistas Sobre o Crise Política e o Governo Jango-Tentado Neves — Cr\$ 10,00  
— Carta a Mister Kennedy (em verso) — Cr\$ 10,00  
— Resolução Política dos Comunistas (dezembro 1962) — Cr\$ 20,00  
Pedidos pelo reembolso postal (mais de 5 cont.) a:  
**Editores Alfa da Brasil Ltda.**  
Av. Rio Branco, 257 — sala 903  
Rio de Janeiro — Guanabara

# Bancários: "Guerrilhas" na Greve "Bossa Nova"

Foi no dia 11 deste mês que a "rosela" começou a balançar. E que os bancários cariocas lançaram a "bossa-nova" no campo da luta sindical, utilizando a tática de paralisar grupos de bancos, sem prévio conhecimento dos patrões e mesmo da maioria de seus funcionários.

A luta de "guerrilhas" dos bancários foi uma consequência da posição intrínseca dos banqueiros, negando-se a pagar o 13.º salário e chegando mesmo a sugerir que os empregados recorressem à Justiça ou fossem à greve geral. Tinha também o movimento por objetivo, o cumprimento da lei 4.178, que extinguiu o expediente nos sábados, conservando a jornada de seis horas, velha conquista dos bancários.

Essa insinuação à parada de todos os bancos, feita pelo sindicato patronal, deixou os bancários com "a pulga atrás da orelha".

— "Que querem os banqueiros com essa sugestão a greve geral? — perguntou na assembleia do dia 10 o líder bancário Aluísio Palhano

## Atacar Pelos Flancos

É ele mesmo respondeu quando estranhos eram esses conselhos, partidos de homens que estão representados nos altos postos da República.

E os bancários escolheram novos caminhos para a luta. Não utilizaram de imediato todo o seu exército, mas apenas parcelas de suas forças. Atacar os banqueiros de todos os lados foi a palavra-de-ordem. Mas atacar de surpresa, de forma que os banqueiros não sabe-

riam quais os bancos escalados para parar quando vissem suas portas cerradas no dia determinado.

Na reunião do dia 10, foi decidida a paralisação de cinco bancos, às primeiras horas do dia seguinte. Quais seriam? Apenas o Comando o sabia. Mas no dia 11, já estavam os piquetes nas portas dos cinco estabelecimentos.

## Os Cinco Fecharam

Naquele dia não funcionaram os bancos indicados: Lavoura de Minas Gerais, Comércio e Indústria de Minas Gerais, Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, Ultramarino, Brasileiro e Mercantil de São Paulo.

Foi uma vigorosa demonstração de unidade e organização dos bancários. E que deixou os banqueiros surpreendidos.

Em comunicado divulgado no dia dessa primeira paralisação, o Comando Geral acentuava que a greve parcial foi adotada como alternativa à greve geral e para poupar a população maiores transtornos. E acrescentava:

— "Assim agimos porque compreendemos que a atitude do sindicato patronal e de grande parte dos banqueiros, negando-se a dar cumprimento às leis em pleno vigor, mais do que uma atitude ditada pela cupidéz e insensibilidade, representa, exatamente na atual conjuntura político-social, uma ostensiva provocação à classe bancária, sob os mais diversos e até pueris pretextos, com o propósito implicitamente deliberado

de levar-nos, de imediato, a deflagração de uma greve geral."

## As Razões do Êxito

É claro que a utilização dessa tática de "guerrilhas", particularmente com as características especiais do não conhecimento da maioria dos "guerrilheiros", isto é, dos grevistas do "dia seguinte", só foi possível graças à existência de poderosas organizações em cada banco (comissões sindicais), fortes piquetes de greve (que se encarregaram, de um modo geral, apenas de avisar que "aquele" era um dos bancos indicados para parar) e uma confiança irrefreável no Comando Geral.

Essa organização, a confiança no Sindicato e nas Comissões, o espírito de luta, aliados à crescente unidade dos bancários, foram as razões essenciais do êxito dessa nova experiência dos empregados em bancos.

Já nas lutas anteriores, inclusive em greves políticas, os bancários haviam demonstrado um elevado espírito de organização e uma impressionante unidade.

## Eleições Ratificam

As eleições para a renovação da Diretoria, realizadas no mês de dezembro, ratificaram essas características. A chapa indicada pelo Movimento de Unidade Democrática, ao qual pertencem os atuais dirigentes do Sindicato, sagrou-se vencedora com 70% dos votos apurados, isto é, cerca de nove mil sufrágios, contra pouco mais de três mil obtidos pela chapa adversária.

Acentue-se que os opositores da atual diretoria levantaram a bandeira do afastamento do Sindicato das lutas políticas, acusando falsamente os atuais líderes de lançarem os bancários à luta político-partidária.

Tentaram claramente capitalizar uma possível incompreensão de alguns bancários quanto à justiça da participação nos grandes acontecimentos destes últimos anos, notadamente a partir da renúncia do sr. Jânio Quadros.

Mas a contundente derrota que a "oposição" sofreu nas urnas demonstrou que os bancários estavam conscientes da necessidade de influir na vida política nacional. A greve contra a "Reforma Bancária" do sr. Daniel Faraço, vitoriosa porque sustou o andamento do projeto, reforçou ainda mais

esse entendimento, a tal ponto que os novos "traded-unionistas" foram forçados a apoiá-la, para não perder de todo o pouco prestígio que — as urnas provaram — ainda lhes restava.

## Lacerda é o Moço

Estão assim os bancários, desde o primeiro minuto do dia 11, sexta-feira, no que eles próprios chamaram de "Estado Geral de Greve". Outras paralisações são esperadas, outros ensinamentos surgirão. Um deles é a melhor caracterização do sr. Carlos Lacerda.

Como diz o coronel Lino de Almeida, "o moço é o moço". Apreendeu-se a declarar greve pelo cumprimento de várias leis. E o Borer foi sóto nas ruas para iniciar as violências contra os grevistas, principalmente nos bancos cujos donos mantêm mais estreitos laços com as figuras dirigentes do executivo guanabarrino.

Com viaturas, cassetete, bombas de gás e centenas de policiais, Lacerda tentou levar o movimento ao fracasso. Fêz várias prisões, inclusive de uma bancária e de um repórter do jornal "Bancário", órgão do Síndi-

cato, que ficou incomunicável durante várias horas e teve seu material fotográfico inutilizado.

Repetiu Lacerda — ou tentou repetir — as façanhas de agosto/setembro de 1961. Por isso, os bancários disseram em seu jornal, entre outras coisas: "Banqueiros e governo da Guanabara são a mesma coisa. Vivem em simbiose."

## Maneiram os Banqueiros

Sofrendo a primeira derrota, com o fechamento de cinco bancos no dia 11, os banqueiros imediatamente impetraram dissídio coletivo, procurando afastar para a Justiça do Trabalho a luta dos empregados.

Na audiência de conciliação, realizada no dia 14, à tarde, foi apresentada pelo presidente do Tribunal Regional do Trabalho a proposta, que previa o pagamento do 13.º salário e das gratificações até o dia 31 de janeiro, bem como o restabelecimento da jornada de seis horas, consequência do decreto que extinguiu o trabalho nos sábados. Isto até o julgamento do dissídio, que prosseguiria em seu curso normal. Se o acórdão da Justiça fosse desfavorável aos bancários, estes devolveriam

em seis parcelas mensais o montante recebido como 13.º salário.

A grande assembleia realizada na noite do dia 14 aprovou por unanimidade a sugestão do Comando, no sentido da aceitação do acordo proposto pelo presidente do TRT.

## Mais Bozo Bancos

Resolveu ainda a assembleia não paralisar nenhum banco no dia 15, terça-feira, quando se realizaria a audiência de conciliação.

Os banqueiros deveriam levar seu ponto-de-vista a respeito da proposta conciliatória.

Os bancários, na mesma reunião, resolveram, mais, decretar a paralisação de pelo menos mais dois bancos, a partir do dia 16, caso os banqueiros não aceitassem os termos do acordo do TRT.

Por sua vez, o Comando Geral, em comunicado, convocou os bancários para nova sessão da assembleia, no dia 16, às 19 horas, para decidir sobre a greve geral, que poderia eclodir naquele mesmo dia, no caso de prosseguir os banqueiros em sua posição ilegal.

## BANCOS REABREM: BANCÁRIOS GANHAM GREVE E GRATIFICAÇÃO!

É o seguinte o texto do acordo ontem firmado por bancários e banqueiros, proposto pelo presidente do TRT da Guanabara:

Primeira: O dissídio prosseguirá para que a Justiça esclareça:

a — Segundo a versão Suseitante: "Se, independentemente do devido em função da lei 4.090, de 13-7-62, estão os estabelecimentos suseitantes obrigados a pagarem no todo ou em parte, as gratificações que, a qualquer título, concediam aos empregados da categoria profissional suseitada";

b — Segundo a versão dos Suseitados:

"Se, independentemente das gratificações habituais, contratuais atualmente pagas aos empregados da categoria profissional suseitada, fazem estes jus aos benefícios da citada lei 4.090";

c — Para que sejam fixados os horários, diário e semanal, dos referidos empregados, nos termos da lei 4.178, de 11-12-62, face ao artigo 224 da Consolidação das Leis do Trabalho.

Segunda: Enquanto em curso o presente dissídio, as empresas suseitantes, no que tange à parte relativa à lei 4.178, respeitarão o horário contínuo de 6 horas diárias, de segunda à sexta-feira, e em anexo, considerando-se como serviço extraordinário o que ex-

ceder de 6 horas de cada dia.

Terceira: Os suseitantes pagarão aos empregados da categoria suseitada até 31 de janeiro de cada ano, e ainda não o fizeram, a gratificação compulsória de que trata a lei 4.090 e mais as gratificações usualmente pagas, a qualquer título, nos meses de dezembro a janeiro. Neste e em qualquer outro caso, serão adotadas, em cada estabelecimento, as modalidades de pagamento habituais.

Quarta: Até a solução final desse dissídio, as prestações referidas nas cláusulas anteriores não implicarão no reconhecimento, pelo suseitante, de qualquer obrigação legal e serão compensadas em seis prestações mensais, iguais e sucessivas no caso e a partir de eventual julgamento favorável ao suseitante.

Quinta: Não haverá punição dos grevistas nem deconto do salário do dia 11 de janeiro, por motivo de paralisação do trabalho.

Sexta: As condições do presente acordo obrigam as categorias e o pessoal e profissionais suseitados no presente dissídio.

Sétima: A assinatura do presente acordo conciliatório implica na cessação do movimento grevista, no suposto de seu fiel cumprimento.

# Brasil Calou, Patrões "Falaram"!

Derou menos de oito horas a greve dos telegráficos, para forçar as empresas ao pagamento da gratificação de dezembro, ajustada em contrato normativo de trabalho. A paralisação começou à zero hora e, às oito, os patrões procuravam, humildes, os representantes dos telegráficos, e o acordo era assinado.

Uma frase: «Esses caras criam tanto caso para pagar, tiram pintura de valente e no fim é isso: não são de nada!».

Foi o desabafo de um operador vitorioso.

A greve paralisou dia 16 as 7 empresas telegráficas, radiotelegráficas e radiotelefônicas que operam no Brasil, com cerca de 20 agências espalhadas por todo o território nacional. Dessas companhias três são norte-americanas, uma italiana, uma inglesa e uma de capital misto, nacional e estrangeiro.

Qual a consequência de uma greve no sistema de comunicações?

Toda previsão é precária. Emudecidas as máquinas que falam e ouvem pelo Brasil, tudo poderá acontecer: caos econômico, por falta de contatos com as Bolsas de Valores de outros países; internamente, paralisação do alto comércio, pois ninguém quer transacionar sem conhecer as cotações de Londres e Nova Iorque; interrupção de contatos de toda natureza, inclusive políticos diplomáticos; tensão generalizada provocada pelo isolamento; negócios frustrados, com milhões de prejuízos, etc.

Outra frase, esta de um economista: "Acho que é a greve que mais tumultua a vida de um país. E basta poucas horas."

Como pararam? A greve já estava decidida há várias semanas, desde dezembro, quando os patrões começaram a "lutar onda de valente".

Os telegráficos tentaram conseguir seus objetivos por

meios suavisados, recorrendo inclusive à mediação de autoridades. Discutiram e conversaram até o último momento, poucas horas antes da assembleia decisiva.

Nada. A noite do dia 14, os telegráficos só fizeram ratificar e pôr em execução o plano elaborado. Em todo o País se realizaram assembleias, para aguardar a palavra final, que o Comando da Greve mandou transmitir pelos próprios aparelhos que minutos depois seriam emudecidos.

«Só vai com ferro» — e o Brasil virou surdo-mudo. O que fazer durante a greve? Os 10 mil telegráficos desde muito estavam com as instruções precisas:

— Não trabalhar, em hipótese alguma, até que o Comando determine o retorno ao trabalho;

— Observar, rigorosamente, o Decreto de Greve, o Roteiro da Grevista e as instruções emanadas do Comando;

— Comparecer ao local determinado pelo Comando, para assinar o ponto e receber instruções;

— Orientar-se somente pelas ordens do Comando;

— Não proparar nem dar curso a boatos;

— Impedir o ingresso de qualquer telegráfico no recinto das empresas, sob qualquer pretexto;

— Evitar atritos e não aceitar provocações;

— Apresentar-se ao Comando para confeccionar cartões e executar outras tarefas;

— Não ficar de férias e sim de greve, permanecendo no Sindicato quando não estiver em missão externa.

Resultado: vitória total e absoluta.

O TRT decidiu que os patrões vão pagar, além do 13.º salário, as gratificações tradicionais de fim de ano, sem prejuízo do dissídio coletivo instaurado.

O Brasil calou-se à meia-noite. Voltou a falar oito horas depois. Com os telegráficos cantando,

# 13º Mês Ninguém Tira!



# Rio Parou, Empresas Pagaram!

Desde o dia 12 a euforia têm «pontos» no nº 66, da rua Camerino, Estado da Guanabara — Sindicato dos Rodoviários.

Mecando Rachid, o presidente da entidade, está vibrando: a greve «bossa nova» pegou, «deu pé», «foi prá cabeça» — conforme dizem seus colegas.

«Uma bela greve» — diz Rachid.

«O pessoal está recebendo o 13.º salário, a população não foi prejudicada e os patrões... bem os patrões estão cumprindo a lei — embora a contragosto.»

## COMEÇOU COM OITO

A greve dos rodoviários da Guanabara teria sido deflagrada já em dezembro, pois carros foram desviados de outras empresas, para correr nas linhas em greve.

«A massa queria parar de estalo — explica Rachid.

No dia 11 deixaram de funcionar as primeiras oito empresas relapsas. Os patrões puseram as mãos nas cabeças. Não podiam recorrer ao governo do Estado, e muito menos ao federal. Isoladas, as oito companhias se curvaram ao cumprimento da lei.

Com esse desfecho terminou a greve do primeiro grupo de empresas de ônibus e lotações que recusavam ao cumprimento da lei 4.090. Cinco entraram em

acordo com os empregados. As 3 restantes, quiseram resistir. E resistiram... por mais dois dias.

No dia 13, entregaram os pontos!

## MAIS 10

Ainda se comemorava a primeira vitória, quando o comando sindical deu ordem para a paralisação de outras 10. Esta segunda parade já veio enriquecida pela experiência anterior: sua deflagração foi mais fácil, seu controle foi mais cômodo.

«E os patrões esperando — diz Rachid.

«Esta vez não puderam lançar o público contra os rodoviários. Afinal, em nenhum dia faltou transporte, pois carros foram desviados de outras empresas, para correr nas linhas em greve.

Sómente os patrões perderam com a greve «bossa nova». E perdem porque que rem. Afinal, seria tão fácil cumprir a lei, tanto assim que eles agora estão fazendo!

Logo, logo, estas 10 empresas pedirão clemência.

«E outras 14 paralisarão o trabalho» — volta a falar Rachid.

E assim continuará a greve, por grupos, teimosas, eclodindo onde, menos é esperada, até que todos os rodoviários cariocas tenham recebido o 13.º salário.

# NOVOS RUMOS